

INTRODUÇÃO

1. Identificação de mudanças do boato no cenário da Web

A emergência e a generalização da Internet como um ambiente comunicacional, a partir dos anos 90, têm ocasionado o surgimento de novos fenômenos socioculturais, ainda não suficientemente explicados. Novos à medida que dizem respeito a um novo meio de interação, mas que se encontram em regime de coexistência com outros meios, não-virtuais (físicos). O boato virtual em redes telemáticas é um desses fenômenos, cuja proliferação tem ocorrido de forma intensa, necessitando assim de um estudo apurado a respeito de suas especificidades.

O boato, em seu formato anterior a esse novo universo tecnológico, já era marcado pela necessidade de construir sentidos próprios, não limitados por mecanismos de controle e hierarquia discursiva, como veremos posteriormente. Uma vez inserido na dinâmica ciberespacial, porém, encontrou terreno fértil para a potencialização da produção e circulação de informações não-autorizadas.

Essas considerações puderam ser apontadas através de um estudo anterior a esta presente pesquisa, intitulado por “Boatos na WEB: uma pesquisa com desdobramentos empíricos” (2002), que trouxe análises preliminares a respeito dos boatos na rede. Este último teve como objetivo principal apontar os tipos de conteúdos de boatos que são geralmente propagados na rede, classificando-os em cinco categorias: boatos que se utilizam de instituições e pessoas públicas; que se utilizam da comoção dos receptores; que alertam contra perigos; sobre crenças e superstições; e que afirmam estereótipos.

Essa classificação trouxe alguns esclarecimentos importantes, como por exemplo, a natureza “informativa” dos boatos, que buscam se colocarem como um objeto que leva uma informação de interesse público (daí um núcleo relativamente restrito de conteúdos). Contudo, a pesquisa, apesar de ter se detido nos conteúdos dos boatos circulados na Rede, não se aprofundou nas reais especificidades dos mecanismos de propagação dos boatos quando inseridos nesse novo ambiente, proposta que é o centro deste estudo.

2. Objetivos específicos e hipóteses

Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo principal apontar as especificidades dos boatos quando inseridos no ambiente ciberespacial, avaliando as suas principais mudanças. Como objetivos específicos, a pesquisa pretendeu ainda:

1. Identificar as características conceituais dos boatos virtuais em redes telemáticas, através das correspondências e discordâncias com os boatos propagados em ambientes não-virtuais;
2. Avaliar a função dos diversos elementos ciberespaciais na dinâmica de propagação dos boatos;
3. Verificar as diferenças entre a transmissão de boatos em websites e transmitidos através de correios eletrônicos.

Após definir os objetivos da dissertação, levantamos as hipóteses que nos serviram de base na condução do processo investigativo. A saber:

HP1: Os boatos, independentemente do meio em que se propagam, possuem características conceituais que os definem como tal, e dessa maneira as diferenciam de outros tipos de informações altamente propagadas.

HP2.: O que difere o boato virtual dos demais são as mudanças na sua forma de propagação, aderindo às especificidades de cada uma das estruturas comunicativas presentes na Rede.

HP3: A propagação dos boatos virtuais pode se dar em regime de co-existência com sua propagação fora dos limites ciberespaciais.

Para atingir os objetivos específicos e permitir a verificação das hipóteses acima relacionadas, foi de fundamental importância proceder à leitura de bibliografia no campo dos boatos e do ciberespaço, estabelecendo-se, dessa forma, os referenciais conceituais utilizados ao longo do trabalho.

3. Referencial teórico

O estudo do boato virtual em redes telemáticas deteve-se inicialmente nos seus grupos de referências conceituais – análise do objeto e do meio –, buscando trazer características conceituais mais embasadas para esse fenômeno. Jean-Noel Kapferer, presidente da Fundação para o Estudo e Informação sobre os Boatos, e Tamotsu Shibutani, sociólogo americano que também se dedicou ao estudo desse fenômeno, foram os principais alicerces conceituais para a definição do que vem a ser o objeto-boato. Shibutani, especificamente, apesar de ter iniciado seus estudos

nos anos 40, é ainda hoje uma das maiores referências de estudos em se tratando de boatos, sendo presença constante em artigos e livros que abordam essa temática.

Outros autores foram também utilizados para uma melhor definição do objeto: Ralph Rosnow, psicólogo que escreveu diversos ensaios sobre boatos; Serge Galam, que estudou os boatos a partir da análise do atentado terrorista de 11 de setembro, nos Estados Unidos; Susan Pendleton, que fez uma revisão atualizada do conceito, introduzindo algumas considerações a respeito dos boatos na Internet; Hermes Fonseca, jornalista brasileiro que escreveu um livro intitulado “Viagem ao Planeta dos Boatos”, analisando o boato a partir de uma falsa informação a respeito do rompimento de uma barragem em Recife e trazendo para seu estudo muitas referências de pesquisas anteriores.

Além disso, para adentrar nas diferenças que dizem respeito a esse novo meio de propagação – a rede –, foi necessário considerar, dentre outros, dois aspectos importantes para uma posterior análise dos boatos virtuais em redes telemáticas: a livre circulação de informações e a heterogeneidade da rede, caracterizada por diversas formas e estruturas comunicativas (Palacios, 2003). Esses dois aspectos foram fundamentais para se avaliar quais especificidades ciberespaciais fazem do boato virtual um objeto relevante para estudo, e para compreender como ele se torna diferente do boato propagado fora dos limites ciberespaciais.

Autores como Lev Manovich, Manuel Castells e Pierry Lévy foram as bases referenciais para se descrever o ambiente das redes, apontando suas características mais marcantes e as mudanças que as novas tecnologias têm trazido ao processo de produção, propagação e armazenamento de informações; Diaz Nóci e Jay

David Bolter trouxeram contribuições a respeito de como a escrita digital modificou a forma de se comunicar com o mundo; Sérgio Bairon, focado no estudo da complexidade multimidiática no ciberespaço, serviu de referência para se compreender a heterogeneidade da rede, aspecto bastante discutido no presente estudo; Nicholas Negroponte, André Lemos, Marcos Palacios, dentre outros, serviram de base para compreender de que forma a comunicação digital se processa, suas mudanças nas relações sociais e na interação entre os conteúdos disponibilizados digitalmente.

4. Metodologia

Como já foi salientado, o estudo do boato virtual em redes telemáticas perpassou inicialmente por seus grupos de referências conceituais: análise do objeto e do meio, através da bibliografia dos autores já citados no referencial teórico. Portanto, inicialmente se buscou encontrar os elementos que conceituam o boato enquanto tal, e os elementos que constituem a nova mídia, com intuito de traçar relações entre o objeto-boato e o meio-Rede.

Em paralelo a esse levantamento teórico, foram coletados cerca de 200 boatos na rede no período entre julho de 2001 e setembro de 2002, que também serviram como base de análises. Esse material foi retirado de websites (inclusive aqueles que se propõem analisar conteúdos de boatos) e correios eletrônicos (recebidos de forma espontânea), e serviram para identificar, na prática, algumas prerrogativas a respeito de suas dinâmicas de propagação, apontando assim os aspectos que os diferenciam dos boatos não-virtuais. Dessa forma, a análise do material coletado, confrontado com os estudos teóricos, possibilitou a identificação das

especificidades dos boatos em redes telemáticas (objetivo principal do presente estudo, como já foi salientado).

5. Delimitação do objeto

Escolhemos trabalhar com dois tipos de estruturas comunicativas dentro da Rede, com o intuito de fazer uma análise mais elaborada a respeito dos mesmos: os boatos através de websites e os transmitidos através de correios eletrônicos (já citados na metodologia do trabalho). Nesse sentido, a pesquisa buscou avaliar as especificidades dos boatos na rede partindo-se da análise dessas duas estruturas de comunicação.

6. Estrutura da dissertação

O presente trabalho está dividido em três capítulos mais uma conclusão. O primeiro capítulo apontando e descrevendo características como ambigüidade, anonimato e mutabilidade – que são determinantes na constituição de cadeias de propagação de boatos – estabelece o conceito para este fenômeno, dentro das perspectivas e objetivos desta pesquisa: uma informação anônima, não-oficial, persuasiva e altamente propagada.

No segundo capítulo, tendo em vista que, como já foi salientado, o objeto da presente pesquisa não é o boato em geral, mas o boato virtual em redes telemáticas, fez-se necessário que o meio de propagação desse objeto – a rede – também fosse delineado e caracterizado em suas linhas gerais, trazendo para a discussão os elementos da nova mídia que influenciam a dinâmica de propagação e produção de conteúdos. Explicita também a “livre circulação de informações”; a heterogeneidade da rede (multiplicidade de formas e estruturas de propagação

dentro dessa nova mídia); a quebra de hierarquias discursivas (que acentua o caráter de verdade dos boatos); uma nova noção de autoria (flexibilizando as fronteiras entre autor e leitor); a “fluidez” dos conteúdos digitais (altamente manipuláveis); a comunicação anônima (o autor pode produzir informação sem se identificar), dentre outras mudanças na instância comunicativa. Todas essas características foram de imprescindível importância para se compreender as mudanças que se processam nos boatos quando estes passam a ser propagados dentro da rede.

Tendo como objetivo vincular as análises conceituais dos boatos às características da rede, o terceiro e último capítulo, portanto, explicita inicialmente o que vem a ser um boato virtual em redes telemáticas e, a partir daí, desenvolve reflexões a respeito de sua dinâmica. O boato virtual em redes telemáticas será analisado neste trabalho somente a partir de suas propagações em websites e correios eletrônicos, mesmo existindo a consciência de que a rede não se resume somente a essas duas estruturas de transmissão de conteúdos. Este recorte foi introduzido em função das dimensões desta pesquisa, com vistas a possibilitar um maior aprofundamento em um dos aspectos da temática trabalhada.

E por fim, a conclusão permitiu identificar e elencar quais os elementos da nova mídia que de alguma maneira interferem na dinâmica de propagação dos boatos, apontando as potencialidades e rupturas, e demarcando também as continuidades com relação aos modos anteriores de expressão desse fenômeno social.

CAPÍTULO I - O conceito e as características propagadoras dos boatos

1. Importância como objeto de pesquisa em comunicação

Antes mesmo de conceituar o boato, é importante ressaltar a sua importância como objeto de pesquisa. Falar de boato se faz relevante à medida que, independentemente dos conceitos construídos em seu entorno, ele sempre foi um objeto mal visto, freqüentemente estereotipado pelo conceito de “irrelevância”. Por outro lado, também pode ser considerado um instrumento de resistência, através do qual qualquer pessoa, sem se identificar, pode colocar em pauta questões proibidas ou tidas como de menor importância, sendo assim um objeto de “contravenção”. Shibutani afirma que considerar o fenômeno como patológico tem provocado distorções e sua depreciação enquanto objeto de estudo:

Se algo é patológico, então explicações especiais são necessárias para afirmá-lo como desvio do normal. Ao invés de estudar as condições sob as quais a forma comum de comunicação se sucede, pesquisadores têm estado preocupados com a distorção do conteúdo, efeitos especiais daqueles que introduzem o erro, traços neuróticos dos ‘vendedores de boatos’ e os caminhos para remover obstáculos contra a comunicação normal, o qual é presumidamente preciso. Parece que a adoção não-crítica de um conceito popular tem induzido a julgamentos de valor sem verificação... (Shibutani, 1966:8-9)¹

Dessa forma, esse sentido patológico dado ao boato faz com que este se torne um objeto ainda menos controlado, uma vez ele não é visto como relevante para análises a respeito de suas prerrogativas. Nesse sentido, os boatos se tornam facilmente resistências anônimas às restrições sociais, chamadas por Michel Foucault (1971) de mecanismos de “interdição”, que não permitem a discussão de

¹ If something is pathological, then special explanations are necessary to account for deviations from the normal. Instead of studying the conditions under which a recurrent form of communication takes place, investigators have been preoccupied with distortion of content, special defects of those who introduce error, neurotic traits of “rumor-mongers”, and ways of removing obstacles to normal communication, which is presumably accurate. It appears that the uncritical adoption of a popular concept has brought in unexamined value judgments (...).

questões tidas como imorais, irrelevantes, proibidas e, em alguns casos, grotescas. Segundo ele, em sua análise a respeito das restrições perante discursos proferidos em nossa sociedade, nem tudo pode ser dito e nem se pode falar de tudo. Mesmo na contemporaneidade, com todas as suas “permissões”, tem-se uma hierarquia discursiva que autoriza a poucos uma certa abertura discursiva, uma vez que “... ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (Foucault, 2001:37).

A competência da palavra pertence apenas a alguns poucos autorizados que possuem respaldo institucional ou científico:

Afinal, quem afirma é o doutor, o padre, o professor, o economista, o cientista etc. Isso ajuda a perpetuar as relações de dominação entre os que falam *a* e *pela* instituição e os que são por ela falados. Os segundos, sem a devida competência, ficam entregues a uma espécie de marginalidade discursiva: um reino do silêncio, um mundo de vozes que não são ouvidas. (Citelli, 1995:35) [grifo do autor]

Dessa forma, somente aqueles autorizados têm o direito da palavra, enquanto os não-autorizados encontram-se marginalizados. Segundo Foucault, a sociedade contemporânea é dotada de uma “vontade de verdade”, que corresponde a uma vontade de saber que se antecipa aos acontecimentos atuais (vontade esta que leva a formação de um discurso marginal, não-autorizado). Nesse sentido, formulam-se discursos que refletem a realidade, tentando atribuir a ela um caráter de verdade que justifique o discurso proferido. Foucault, portanto, afirma também, assim como Citelli, que o discurso contemporâneo apóia-se sobre um suporte e uma distribuição institucional que tendem a exercer sobre os outros discursos um poder de coerção, restringindo o diálogo sobre a realidade para aqueles que são “autorizados”. Nesse sentido, tem-se que:

(...) nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciadas), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala. (Foucault, 2001:37).

Dessa forma, o boato, em muitos casos desconsidera a hierarquia discursiva imposta pela sociedade, e se coloca como uma informação autorizada a ser dita, com “autor” igualmente legitimado para isso (ainda que anônimo). Por essas razões, muitas de suas relevantes considerações não são levadas a sério pelos estudos da comunicação de uma maneira geral, por considerarem um empecilho à comunicação excelente, e não mais uma de suas múltiplas possibilidades.

Contudo, nem sempre o boato é uma voz que força as barreiras institucionalizadas e compete com as informações advindas dos detentores do “direito de discursar”. O boato pode surgir também devido à ausência de respostas plausíveis, formando um ambiente propício para a formação de canais auxiliares e não-autorizados de informações, buscando assim soluções (respostas) para os questionamentos do público.

Quando a informação necessitada não está disponível através de canais autorizados, as definições tendem a ser improvisadas e o problema passa a ser as regularidades na maneira pelas quais estas são feitas. Uma ampla variedade de reações iniciais se levanta na maioria das situações inadequadamente definidas, mas estão geralmente reduzidas a poucas alternativas plausíveis que servem como base para um esforço comum de compreensão.

Dessa forma, muitas vezes o boato se processa pela baixa eficácia dos canais institucionais em prover as respostas demandadas pelos fatos que se tornam focos

de boatos, ou seja, na ausência de um mecanismo oficial, canais auxiliares se formam a fim de responder as indagações das pessoas envolvidas. Contudo, algumas respostas se tornam mais plausíveis do que outras, tornando-se então, altamente propagadas, como ressalta Pendleton:

(...) um boato se relaciona com algumas situações sobre as quais há incerteza e uma sentida necessidade de reduzi-la. Uma afirmação sobre algum acontecimento num ambiente físico e social se constitui num boato quando há pouca ou nenhuma evidência autorizada ou informação oficial para estabelecer a sua credibilidade (Pendleton, 1998:71).²

Nesse sentido, o boato de certa forma quebra as barreiras dos mecanismos de “interdição”, se impondo como uma voz ainda mais impositiva quando não existem evidências oficiais. Todavia, além da interdição, existem outros tipos de exclusão: a separação e a rejeição. Contextualizando a esse respeito, Foucault dá o exemplo relativo à razão e a loucura, colocando que o “louco”, até o fim do século XVIII, nunca foi ouvido, ou seja, nunca foi dada importância a seu discurso. Após esse período, porém, a medicina passou a se preocupar com a idéia de saber o que era dito pelo louco, instituindo outra forma de separação e estudo do seu discurso (como base do estudo da patologia).

Semelhante a esse exemplo, o boato sempre foi visto como um objeto a ser rejeitado, “sufocado” somente pelos conceitos de falsidade, fofocas e más intenções. Foucault cita ainda que, por volta do século XVI e XVIII, “... apareceu uma vontade de saber que, antecipando-se a seus conteúdos atuais, desenhava

² (...) a rumor relates to some situation about which there is uncertainty and a felt need to reduce that uncertainty. A claim about some event in the social or physical environment constitutes a rumor when there is little or no authoritative evidence or official information to establish its credibility

planos de objetos possíveis, observáveis, mensuráveis, classificáveis” (Foucault, 2001:16). Uma vontade de saber que “prescrevia (...) o nível técnico do qual deveriam investir-se os conhecimentos para serem verificáveis e úteis” (Foucault, 2001:17).

Semelhante a esse processo, autores como Allport e Postman (citados por Kapferer), Shibutani, Jean-Noel Kapferer, Ralph Rosnow, dentre outros, fizeram do boato um objeto de importância para pesquisa. Eles deram ao boato o cunho de informação relevante para a pesquisa da psicologia social, propondo uma análise a respeito das suas prerrogativas. Neste sentido, eles buscam a relação ambígua entre o boato e o significado da “realidade”, o que também é objeto na presente pesquisa, apesar de se delimitar, num segundo momento, as especificidades do boato virtual em redes telemáticas.

2. A quem se dirige os boatos?

Nós temos prazer em imaginar que nossas opiniões são íntimas e exclusivamente pessoais. As experiências mostram, entretanto, que a adequação ao grupo exerce uma influência considerável sobre nossas opiniões: ela nos conduz algumas vezes a dizer o contrário do que pensamos e a desconfiar de nossas próprias convicções. Na verdade, constatamos que, quanto mais um boato é divulgado, mais ele facilmente convence. Tantas pessoas não poderiam ter se enganado: o boato extrai sua credibilidade da informação. “Se o boato fosse falso, ele não teria surpreendido as demais inúmeras pessoas que, como nós, se depararam com ele. O indivíduo se baseia no comportamento alheio para definir a atitude que ele deve adotar em relação ao boato, à sua veracidade”(Kapferer, 1993:95).

Segundo Pendleton (1998), aqueles que se dirigem a nós não o fazem por acaso. Eles sabem com quem podem desfrutar de um certo crédito e, por esta razão, acabarão sendo ouvidos. Dessa forma, “... é justamente porque nós o percebemos como confiável que o circuito de um boato se dirige a nós. De uma certa maneira, sabemos do boato através de nossos pares” (Kapferer, 1993:63).

3. Análises conceituais: o que é e o que não é um boato?

A fim de abrir a discussão a respeito do conceito de boato, a presente pesquisa parte do conceito de Kapferer, que por sua vez inicia sua discussão com a distinção entre os boatos e outros tipos de informações. O autor afirma que o boato:

(...) é antes de mais nada uma informação: ele traz elementos novos sobre uma pessoa ou um acontecimento ligados à atualidade. Dessa forma ele se distingue da lenda que, em geral, se refere a um fato passado. Em segundo lugar, o boato está destinado a ser aumentado. Não se espalha um boato com a única intenção de divertir ou de estimular a imaginação: nisso também se distingue da história engraçada ou dos contos. O boato procura convencer (Kapferer, 1993:05).

Além disso, segundo Pendleton, o boato também não pode ser confundido com fofoca (“*gossip*”), tendo em vista que esta última é íntima e pessoal no seu tom, e não pode ser concebida fora do contexto relacional no qual ela se levanta. Os boatos, porém, são assuntos tipicamente relevantes para uma sociedade, e não somente para um grupo restrito onde geralmente a fofoca se propaga. No que diz respeito aos conceitos de boatos anteriores aos seus estudos, Kapferer afirma ainda que:

(...) a mais conhecida dentre as definições do boato por sua própria dinâmica deve ser creditada ao sociólogo americano T. Shibutani: ‘os boatos são notícias improvisadas, que resultam de um processo de discussão coletiva’. Segundo o autor, na gênese do boato há sempre um acontecimento, importante e ambíguo (Kapferer, 1993:10).

Para Shibutani, portanto, um boato é sempre formado a partir de algum fato que fomenta discussões e opiniões, tornando-se um objeto de sucessivas modificações e interferências daqueles que propagam e se encontram persuadidos pelas informações ambíguas nele contidas. A expressão “notícia improvisada” denota a desvinculação do conteúdo do boato com os critérios de redação jornalística, tendo em vista que, embora tenha o objetivo de expor um “fato” (logo, se impondo como real), os boatos não necessariamente atendem as normas jornalísticas tradicionalmente trabalhadas em notícias (daí a noção de improviso). Tendo em vista que uma notícia, em termos jornalísticos, é “... o relato de uma série de fatos a partir de um fato mais importante; e cada fato, a partir do aspecto mais importante” (Lage, 1993:55), o que se percebe é que o boato não necessita de regras discursivas a fim de que lhe seja creditada valor de verdade.

Ao contrário, o boato traz em si sempre uma condição de ambigüidade dos seus fatos, que torna o seu conteúdo altamente persuasivo, e conseqüentemente empresta-lhe alto potencial de propagação. Isso não quer dizer que o boato não ofereça argumentos que convençam o receptor de suas informações; contudo, a necessidade de propagação é suscitada através do desejo de levar aos outros uma informação que traz alguma explicação para um fato ambíguo (para o qual não há respostas oficialmente estabelecidas). Nesse sentido,

Embora estudantes do boato discordem em outros assuntos, um elevado grau de consenso existe entre eles a respeito das condições gerais sobre as quais o fenômeno é encontrado: os boatos emergem em situações ambíguas. Oman (1918), Prasad (1935), Rose (1940), R. H. Knapp (1944) e Carrard (1953) estão entre aqueles que tem especificado que os boatos se desenvolvem quando existe uma necessidade insatisfeita em busca de informação (trad.do autor).³ (Shibutani, 1966:56-57).

A esse respeito, Festinger (1957), com a sua teoria de dissonância cognitiva, afirma que os boatos são vistos, “(...) como tentativas de indivíduos confusos para compreender situações ambíguas a fim de preencher lacunas no conhecimento”⁴ (Shibutani, 1966:163). Isto ocorre quando as pessoas se deparam com situações ambíguas e passam a construir uma interpretação através do agrupamento de seus recursos intelectuais. Para ele “(...) a existência de uma inconsistência é incômoda e as pessoas (a) tentarão reduzi-la e (b) evitarão ativamente situações que possam aumentá-la”⁵ (Shibutani, 1966:173).

No que diz respeito às interpretações de algum acontecimento,

(...) no início elas coexistem, depois se enriquecem mutuamente. Algumas interpretações são abandonadas em benefício de outras (...). Nesse campo, existe, de preferência a multiplicidade de interpretações, cada uma tentando dar conta da ‘realidade’ da melhor maneira possível, isto é, construir sua própria verdade (Kapferer, 1993:124).

No período da Segunda Guerra Mundial, Allport e Postman, dois dos primeiros estudiosos das dinâmicas dos boatos (citados por Kapferer) postularam que a ocorrência de boatos variava de acordo com a importância temática de um

³ Although students of rumor disagree on others matters, a high degree of consensus exists among them concerning the general conditions under which the phenomenon is found: rumors emerge in ambiguous situations. Oman (1918), Prasad (1935), Rose (1940), R.H. Knapp (1944) and Carrard (1953) are among those who have specified rumors develop when there is an unsatisfied need for information.

⁴ (...) as attempts by confused individuals to comprehend ambiguous situations by filling gaps in the knowledge.

⁵ (...) the existence of inconsistency is uncomfortable, and a person will (a) try to reduce it and (b) actively avoid situations and information that are likely to increase it.

incidente e o tamanho da ambigüidade inerente a uma dada situação. Eles construíram uma equação para explicar o fenômeno da circulação dos boatos: “ $B \sim I \times A$, onde B é boato, I é a importância do assunto para difusores e receptores e A é a ambigüidade de que os fatos narrados estão revestidos” (Fonseca, 1996:95). A fórmula significa dizer que a quantidade do boato circulante irá variar conforme a importância do assunto para os indivíduos afetados, multiplicada pela ambigüidade da prova ou testemunho tocante a dito assunto.

Embora não tenha sido empiricamente validada, esta proposição foi aceita e ampliada. Contudo, trabalhos recentes sugerem que a transmissão dos boatos é também uma combinação de inquietação pessoal, incerteza generalizada, credibilidade e envolvimento com os resultados relativos ao conteúdo circulado. Dessa forma, outros fatores foram levados em consideração na pesquisa voltada para o estudo da propagação dos boatos.

Em 1969, os Beatles foram ao mais alto nível de popularidade como fenômeno da cultura pop. Rosnow (1991) relata que um boato a respeito deles começou a circular afirmando que Paul McCartney havia morrido num acidente automobilístico e que ele tinha sido substituído por um dublê. A alegação, embora parecesse ridícula, se espalhou entre os adolescentes americanos e se tornou o centro de diversas interpretações. Este boato levou Rosnow (1991) a contestar a alegação de Allport e Postman, que, por sua vez, afirmavam que “Como um boato se movia, ele tendia a se espalhar de forma reduzida, mais concisa, mais

facilmente entendido e contado. Nas sucessivas versões poucas palavras são usadas e poucos detalhes são mencionados.”⁶

Rosnow (1991) contestou essa afirmação tendo em vista que o acréscimo de detalhes e de comentários de seus propagadores também é um traço marcante de muitos boatos, e que depende da relação de intersubjetividade que os indivíduos têm com a informação propagada. Na verdade, Allport e Postman chegaram a essa conclusão porque estavam centrados na busca por caminhos que levassem a conter falsos boatos espalhados durante a Segunda Guerra, a fim de desfazer desmentidos. Os conteúdos desses boatos quase sempre traziam questões que mantinham um estado de tensão dos indivíduos os quais não desenvolviam condições favoráveis para interagirem com as informações, apenas transmitindo-as o mais rápido possível com o intuito de comunicar a desgraça que supostamente estava por vir.

Apesar do caráter de múltiplas interpretações, em situações de catástrofes (grandes crises), o boato tende a ser reduzido em seus detalhes. Em Recife, 1975, circulou um boato que esboça essa redução. Segundo o boato a maior barragem da região metropolitana de Pernambuco teria estourado e a cidade estaria inundada em poucas horas. Homero Fonseca (1996) descreveu o pânico ocorrido na cidade:

Um único objetivo move a multidão desatinada: fugir. “Tapacurá estourou!” – o alarme anônimo desata o pavor. O grito ecoa de boca em boca, explodindo em pânico: a cidade seria destruída em poucas horas. Corre-se de um lado para o outro, em busca dos parentes e amigos, para debandar ou morrer juntos (Fonseca, 1996:16).

Nesse boato o que se percebe é que, assim como os estudos de Allport e Postman, as razões que levaram a informação a se espalhar não permitiam que as pessoas

⁶ As a rumor travels, it tends to grow shorter, more concise, more easily grasped and told. In successive versions fewer words are used and fewer details are mentioned.

conduzissem suas indagações e acréscimos sobre o suposto acontecimento. A informação do boato se espalhou sem que as pessoas tivessem equilíbrio emocional para participar da sua construção.

As situações de multidão são propícias aos boatos: a proximidade das pessoas facilita sua circulação e a auto-excitação nos faz aceitar, sem objeções, os boatos mais disparatados, que não terão nenhuma oportunidade de parecerem plausíveis no dia seguinte, uma vez terminada a tensão (Kapferer, 1993:99).

Dessa forma, esse tipo de boato também ocorre por causa de situações de inquietude social (e não só no pólo ambigüidade/importância proposto por Allport e Postman). Para Shibutani, aqueles indivíduos que se encontram em situações de tensão - vítimas de bombardeios, sobreviventes de epidemias, que vivem em ambientes de guerra – se tornam mais suscetíveis à propagação de boatos. Tendo em vista que em situações de crises os canais oficiais de comunicação se encontram fragilizados e a necessidade por informações que diminuam as ansiedades se torna mais proeminente, esses indivíduos tornam-se mais propícios a considerarem informações anônimas e altamente propagadas como verdadeiras.

“Knapp (1944) tentou sistematizar 1000 boatos ocorridos em tempos de guerra que estavam circulando em 1942, coletados pelo Massachusetts Committee on Public Safety e descobriu que quase todos pareciam expressar hostilidade, vontade ou medo ”⁷(Pendleton, 1998:73). Todos os boatos circulados nesse período ressaltavam a necessidade de se construir respostas para as questões que se encontram em condição de ambigüidade, de forma amenizar a ansiedade dos indivíduos.

⁷ Knapp (1944) attempted to systematize 1000 wartime rumors collected by the Massachusetts Committee on Public Safety that were current in 1942 and found that nearly all seemed to express hostility, wishing, or fearing.

Uma crise pode conduzir a uma inabilidade ou perplexidade diante dos fatos levantados a partir de uma ambigüidade. “Uma crise é uma crise precisamente porque os homens não podem agir efetivamente juntos”⁸ (Shibutani, 1966:172). Diante dessa perplexidade, pode haver a aceitação de respostas que são formadas a partir de conclusões coletivas, mas advindas de fontes individuais amplamente aceitas devido à conjuntura de emergência demandada pela crise.

A demanda por notícia varia com a importância colocada sobre os eventos. Uma ‘grande notícia’ afeta um grande público e assuntos que requerem alguma atenção imediata estão por toda a parte; vem com uma urgência que requer algum tipo de ajuste instantâneo, mesmo que consista em nada mais que uma mudança de atitude.⁹ (Shibutani, 1966:40).

Embora no debate comum a palavra “crise” se refira a catástrofes de fortes impactos sobre a sociedade, Shibutani tem utilizado sistematicamente este termo para conceituar também algumas quebras de rotina pelas quais transformações se processam no pensamento e nas atitudes das pessoas. “Uma crise é alguma situação na qual o mecanismo social previamente estabelecido se quebra, um ponto no qual algum tipo de reajuste é requerido”¹⁰ (Shibutani, 1966:172). Quando esse algo incomum ocorre é possível que conduza a formação de boatos, contudo é válido considerar mais uma vez que, apesar de ser uma quebra de rotina, a dinâmica de propagação dos boatos faz parte da dinâmica do cotidiano e da comunicação das pessoas (e por isso deve ser estudado dentro do contexto social dos indivíduos envolvidos).

⁸ A crisis is a crisis precisely because men cannot act effectively together. Uma crise é uma crise precisamente porque os homens não podem agir efetivamente juntos.

⁹ Demand for news varies with the importance placed upon events. ‘Big news’ affects a large public and is about matters that require immediate attention; it comes with an urgency that requires some kind of instant adjustment, even if it consists of nothing more than a change of attitude.

¹⁰ A crisis is any situation in which the previously established social machinery breaks down, a point at which some kind of readjustment is required.

Nesse sentido, em diferentes tipos de crises, o controle social sofre variações, e conseqüentemente, o padrão em que o boato se desenvolve também varia. A persuasão dos boatos pode se dar através da mobilização de vários outros sentimentos e efeitos, a depender de cada circunstância, que conseqüentemente influenciará também na disposição dos indivíduos para ampliar ou reduzir as informações contidas no boato.

Uma vez que os indivíduos, ao formarem correntes de boatos encontram-se persuadidos, constata-se sempre um envolvimento dos indivíduos com um “problema”. Diante deste último, o indivíduo age em torno de uma solução ou resposta, ou seja, “... podemos dizer que a opinião seria uma atitude expressa em ‘respostas verbais’, orais e escritas, aceitando ou desprezando alguma coisa” (Chucid Via, 1983:32), que muitas vezes se dão através de comentários imediatos embasados em opiniões ou não.

Além disso, esse efeito persuasivo muitas vezes se dá através de um estado de inconsciência. Isso não quer dizer que quando um indivíduo participa da propagação de um boato ele não quer influenciar pessoas, mas ele não constrói ou premedita um discurso voltado para a persuasão do outro. Dessa forma, o boato, por ser um fenômeno formado e propagado pela massa (anônima), assemelha-se, em parte, a uma espécie de retórica aristotélica.

Embora a retórica não se preocupe em saber se algo é verdadeiro ou falso (semelhante à dinâmica dos boatos), “... cabe a ela verificar quais os mecanismos utilizados para se fazer algo ganhar a dimensão de verdade” (Citelli, 1995:10). Todavia, na dinâmica dos boatos geralmente não existe uma preocupação estilística com o discurso persuasivo, exceto quando se trata de boatos “plantados”

(a serem visto no próximo inter-título) – construídos a fim de se obter algum benefício para o emissor (propagador inicial) da mensagem.

4. Boatos “plantados”

O boato geralmente é persuasivo pela conjuntura dos seus acontecimentos, conduzidos através de uma propagação coletiva espontânea. Nesse sentido, devido à característica do anonimato (inerente a todos os tipos de boato), torna-se uma tarefa muito complexa para o propagador (e também para o pesquisador dos boatos) discernir entre boatos “plantados” e espontâneos.

Ainda que a informação do boato “plantado” seja construída com o intuito de ser altamente propagada, ela só atinge esse objetivo se a verdade que ela traz ganhar a credibilidade da coletividade (dos potenciais propagadores). Todavia, sendo a persuasão planejada ou não, deve-se levar em conta que “persuadir, antes de mais nada, é sinônimo de submeter, daí sua vertente autoritária. Quem persuade leva o outro à aceitação de uma dada idéia” (Citelli, 1995:13).

Boatos também podem ser “plantados” com o intuito de serem pesquisados. Por mais perigoso que possa parecer, pode-se intencionalmente transmitir uma informação com o intuito de que ela possa se espalhar de forma natural, tornando um objeto de análise artificialmente planejado. “Schachter e Burdick (1955), for instance, planted a rumor in a small school prep for girls and found that rumor transmission increased when there is widespread cognitive unclarity”¹¹ (Pendleton, 1998:74). As garotas passaram a transmitir a informação para suas colegas, criando interpretações e desenvolvendo os fatos.

¹¹ Schachter e Burdick (1955), por exemplo, plantaram um boato numa pequena escola preparatória para garotas e descobriram que a transmissão do boato aumentou quando existia uma difundida falta de clareza cognitiva (tradução da autora).

5. Boato: informação verdadeira ou falsa?

Kapferer apresenta uma classificação baseada no que ele chama de “fontes dos boatos”. Em suma, a classificação apresenta duas possíveis origens do boato - uma versão “espontânea” e outra “provocada” -, e salienta que estas versões se constroem baseadas em “parte de um acontecimento”, “parte de um detalhe” ou no “imaginário puro”. O que o autor chama de “fonte” são as origens (espontânea e provocada). A fonte, portanto, não se refere, como seria lógico se imaginar, a *quem* ou *o que* forneceu a informação, se tornando uma classificação confusa e com poucas contribuições para pesquisa.

Além disso, não fica clara a distinção entre “parte de um acontecimento” e “parte de um detalhe”. É fato que um boato pode se basear em um acontecimento por inteiro ou em parte dele, mas Kapferer traz uma distinção ainda mais complexa, mas que não parece ter sido bem justificada. Contudo, essa classificação é relevante ao considerar em sua análise os boatos que se baseiam no “imaginário puro”, ou seja, informações que são puramente inventadas (informações fictícias). Nos estudos de Shibutani, como já foi visto, o caráter falso ou verdadeiro não tinha relevância para a conceituação do boato (embora fosse clara em seus estudos a existência de boatos que propagam informações falsas e verdadeiras).

Ainda sobre os diversos conceitos estudados por Kapferer, ele cita que “para Knapp o boato é ‘uma declaração destinada a ser aumentada com base na realidade, e divulgada sem verificação oficial’ ” (Kapferer, 1966:05), ou seja, este também utiliza o parâmetro de realidade para conceituar os boatos, excluindo de sua análise informações possivelmente falsas que estejam sendo circuladas (fatos, porém, inverídicos). Contudo, o que não fica claro nas análises kapferianas são os

parâmetros que levam tais autores a considerar os boatos como informações verídicas ou não (se é que tais parâmetros foram discutidos em suas obras), e que conceitos são dados a tais falsas informações que também desencadeiam propagações.

Allport e Postman também sustentam que “... o boato é uma ‘proposição ligada aos acontecimentos diários, destinada a ser aumentada, transmitida de pessoas a pessoas, habitualmente através da técnica do ouvi-dizer, sem que existam dados concretos capazes de testemunhar sua exatidão” (*apud* Kapferer, 1993:05). De que forma, portanto, pode-se afirmar que uma determinada informação se propaga baseado em um acontecimento, se nem sempre existem meios de se confirmar a existência do mesmo? Allport e Postman trabalham com a idéia de que os boatos se iniciam de fatos reais, mas perdem a sua exatidão à medida que são propagados.

Contudo, muitas informações falsas são circuladas. Alguns estudiosos chamam esse tipo de informação circulante de “*hoax*”, que significa “pegadinha”, “trote”, ou seja, informação falsa que intencionalmente se coloca como verdadeira. Galam (2003) chama de boato o processo coletivo de propagação de uma informação que se dá a partir do que ele chama de “*hoax*”. Neste caso, o “*hoax*” tem a intenção de espalhar uma informação condizente com a forma de construir a realidade de acordo com o desejo de um manipulador inicial.

O conteúdo do boato transmitido pode ganhar um caráter de verdade junto àquele que o retransmite, uma vez que, mesmo que as pessoas considerem uma falsa informação como “boato”, “o mecanismo do boato existe por que as pessoas pensam que uma informação é verdadeira e acham que é importante passá-la adiante” (Kapferer, 1993:15). Daí se desenvolve um paradoxo conceitual

instituído pelo senso comum: o boato (contendo verdadeiras ou falsas informações) passa ser retransmitido porque se supõe que seu conteúdo seja verdadeiro.

Todavia, se a lógica do senso comum leva à propagação de informações que são falsas acreditando-se que são verdadeiras, muitos boatos também circulam informações que realmente são verdadeiras. Dessa forma, o boato nem sempre carrega uma informação falsa que se apropria de um valor de verdade, podendo esta realmente ser verídica.

Um boato amplamente circulado na rede em 2004 relatava um projeto de lei que estava sendo votado no Congresso Nacional Brasileiro. O projeto propunha criar um limite de consumo para cada pessoa física residente no país, além de serem obrigados a depositar o excedente em uma conta poupança:

PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR Nº 137, DE 2004 (Do Sr. Nazareno Fonteles) Estabelece o Limite Máximo de Consumo, a Poupança Fraternal e dá outras providências

O Congresso Nacional decreta: Art. 1º Fica criado o Limite Máximo de Consumo, valor máximo que cada pessoa física residente no País poderá utilizar, mensalmente, para custear sua vida e as de seus dependentes.

§ 1º O Limite Máximo de Consumo fica definido como dez vezes o valor da renda per capita nacional, mensal, calculada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, em relação ao ano anterior.

Art. 2º Por um período de sete anos, a partir do dia primeiro de janeiro do ano seguinte ao da publicação desta Lei, toda pessoa física brasileira, residente ou não no País, e todo estrangeiro residente no Brasil, só poderá dispor, mensalmente, para custear sua vida e a de seus dependentes, de um valor menor ou igual ao Limite Máximo de Consumo.

Art. 3º A parcela dos rendimentos recebidos por pessoas físicas, inclusive os que estejam sujeitos à tributação exclusiva na fonte ou definitiva, excedente ao Limite Máximo de Consumo será depositada, mensalmente, a título de empréstimo compulsório, em uma conta especial de caderneta de poupança, em nome do depositante, denominada Poupança Fraternal.

Esse projeto, apesar de parecer bastante esdrúxulo para uma democracia, é autêntico e realmente esteve em tramitação no Congresso (embora não tenha sido aprovado). Nesse sentido, devido à ambigüidade de conteúdo, esta informação se tornou corriqueira nos correios eletrônicos de muitos usuários da rede, sendo por muitos considerada um boato criado para desmoralizar o deputado ou seu partido.

Dessa forma, a presente pesquisa trabalhará o conceito de boato como uma informação em que as noções como “verdadeiro” ou “falso” são irrelevantes, tendo em vista que não importa se uma informação é objetivamente verídica ou não para conceituá-las como boato. Além disso, dotado de características persuasivas em seus conteúdos, o boato estimula a propagação com o intuito de convencer outras pessoas, sendo, portanto, “persuasão” e “propagação” as palavras chave do seu conceito.

6. Persuasão e Propagação: o discurso argumentativo dos boatos

Uma vez que um indivíduo participa de uma cadeia de propagação de boato, o discurso que ele carrega lhe parece verdadeiro (embora não seja aferido). Dessa forma, persuadir não é apenas sinônimo de enganar, mas também o resultado de certa organização do discurso que o constitui como verdadeiro para o receptor (o que o autor chama de “raciocínio apodítico”).

Dessa forma, a argumentação é realizada com um grau de fechamento que não deixa espaço para dúvidas quanto à verdade do que está sendo proferido. Esse tipo de discurso se assemelha bastante com a dinâmica dos boatos, embora esse “fechamento argumentativo”, como já ressaltado, não se dê através de uma sistemática articulação do discurso. Uma vez que um boato alcança um patamar persuasivo em cadeia, pode-se dizer que o fato (ou os fatos) que o norteia passa a

conferir-lhe um caráter de verdade. Portanto, o discurso apodítico, apesar de permitir múltiplas interpretações, não dá margem, ao menos em tese, para se construir controvérsias em torno dos fatos expostos.

Enquanto discurso, o boato, assim como todo discurso persuasivo, é marcado por idéias defendidas. Uma mensagem só é capaz de se constituir como um boato quando esta adota recursos argumentativos capazes de convencer ou alterar comportamentos e atitudes. O discurso do boato deve atingir o patamar de “discurso competente”, como designa Marilena Chauí (1989). Para a autora, costuma-se confundir o discurso competente com o discurso institucionalmente permitido ou autorizado, mas na verdade se trata do discurso que alcança o direito de verdade.

Citelli afirma que “em uma ditadura, em um regime que censura, fica um pouco estranho falar em persuasão, visto que inexistem idéias em choque” (Citelli, 1995:67). Se confrontarmos essa afirmação com a dinâmica dos boatos ela perde seu sentido. Muitos boatos circulam justamente devido ao caráter repressivo que impede que os fatos sejam amplamente discutidos, desenvolvendo um ambiente fértil para a proliferação de informações ambíguas. Nesse sentido, é comum que informações não-oficiais se tornem altamente propagadas, como já foi discutido anteriormente.

Além disso, segundo Shibutani existe uma tendência individualista que norteia os estudos a respeito dos boatos. Para ele, psicólogos e psiquiatras explicam o boato separando os indivíduos do contexto de influência através do qual a rede persuasiva se processa. As pessoas envolvidas nessa rede são avaliadas como entidades diferenciadas e com objetivos igualmente diferenciados. Para o autor,

uma vez que esses indivíduos estão entrelaçados através de uma mesma iniciativa (a propagação de uma informação), não se pode ignorar a relação social que se forma entre essas pessoas, por mais que não exista a consciência de que elas estão agindo numa rede, junto com outros (em coletividade).

Dessa forma, muitos estudiosos, além de desconsiderarem o boato como objeto importante para pesquisa (como já foi salientado), desconsideram muitas vezes também que o processo de propagação de boatos faz parte do cotidiano das pessoas, não sendo uma instância comunicativa desvinculada do contexto social dos indivíduos. “O cotidiano é exatamente o resultado do ato de fazer algo sem se ter consciência do saber deste fazer, pois o cotidiano é o superlativo de uma freqüente descoberta cognitiva que explora os limites da repetição. O cotidiano é o abandonar-se na improvisação de si próprio” (Bairon, 1995:60).

Nesse sentido, a rede de boatos prevê o ato de se abandonar na improvisação de respostas e interpretações de fatos que não dizem respeito, necessariamente, ao universo de conhecimento (especializado) de cada indivíduo. Cada um pode, uma vez persuadido, trazer a sua contribuição a respeito do conteúdo ambíguo relatado. Quando a ambigüidade da informação do boato se desfaz, ele não se torna mais um objeto de múltiplas atenções e interpretações (e deixa de ser persuasivo). Uma vez que o grande traço persuasivo presente no conteúdo do boato é a ambigüidade, a ausência de indagações faz com que este deixe de ser um objeto altamente propagado.

Contudo, “muitos boatos circulam, não por que os que o transmitem acreditem piamente neles, mas por que são divertidos, objetos de curiosidade e surpresa” (Kapferer, 1993:50). A transmissão é feita com o objetivo de “... criar seu efeito

no meio de grupos de amigos, ao qual ele anuncia a notícia” (Kapferer, 1993:50), como já foi analisado. Observa-se que o emissor busca, nesse sentido, o prazer de agradar ao receptor, sendo esta uma das características inerentes a alguns boatos, ainda que as informações emitidas não se caracterizem como verdadeiras.

Todo boato, portanto, independentemente da intenção do seu emissor inicial, traz em si uma característica persuasiva, que assim como o discurso institucionalizado, também defende uma opinião específica. Dessa forma, o indivíduo persuadido pela informação do boato, dentro da cadeia de propagação (a ser visto mais adiante), não objetiva nada além de levar uma “informação de primeira mão”, ou seja, não busca ganhar algo a partir da disseminação de suas informações.

Conforme assinala Shibutani:

(...) um boato não é algo imposto de fora, como em experimentos em transmissão em série, mas o que é selecionado espontaneamente por atos comunicativos de massa que constituem o centro da vida do grupo. A escolha é geralmente inconsciente, e quando o ciclo de desenvolvimento escapa de seu curso, a versão padrão ganha aceitação geral¹² (Shibutani, 1966:177).

Dessa forma, a informação só pode se constituir como boato uma vez que esta desenvolve uma cadeia de propagação. Nesse sentido, embora a intencionalidade marque a formação dos boatos plantados (como já foi salientado), o boato é um processo inconsciente e marcado pelos critérios de seleção de uma coletividade. Por mais que o emissor inicial deseje e construa artifícios para que uma informação seja altamente propagada, ela é (e somente é) uma informação persuasiva em potência (e não ainda um boato). Uma vez que esta informação é aceita pela coletividade, o seu mecanismo de propagação se processa.

¹² (...) a rumor is not something imposed from the outside, as in experiments on serial transmission, but what is selected spontaneously from the mass of communicative acts that constitute the hub of group life. Choice is usually unconscious, and when the developmental cycle runs its course, a standard version gains general acceptance.

As “respostas ao boato” são formadas a partir das opiniões imediatas do público, sem a necessidade de que conteúdos específicos sejam previamente consultados e sem a necessidade de que somente especialistas julguem ou opinem sobre as afirmações que os boatos trazem (Shibutani, 1966:173).

Partindo-se do pressuposto da distorção das informações, se tem que os indivíduos são muitas vezes inconscientemente dispostos a inserir suas próprias opiniões nas informações contidas nos boatos, baseados em suas predisposições e conhecimentos anteriores a respeito dos fatos, ou simplesmente a sua opinião imediata diante dos mesmos.

Ao contrário da visão tradicional que considera que a aceitação da mensagem depende do aprendizado do conteúdo da mensagem, a abordagem da resposta cognitiva sustenta que o impacto das variáveis da persuasão depende da extensão em que os indivíduos articulam e narram suas próprias opiniões idiossincráticas em relação à informação apresentada.

A perspectiva da resposta cognitiva sustenta que os indivíduos são participantes ativos no processo de persuasão uma vez que tentam relacionar os elementos da mensagem aos seus repertórios existentes de informação¹³ (Pretty, Priester e Brinol, 2002:163).

Serge Galam (2003) relata que, na França, se propagou um boato na internet informando que “Nenhum avião caiu sobre o Pentágono no dia 11 de setembro”, especulando que os estragos terroristas causados aos EUA não foram tão grandes quanto se tinha conhecimento. Para o autor, este exemplo pode ilustrar o

¹³ The cognitive response perspective maintains that individuals are active participants in the persuasion process who attempt to relate message elements to their existing repertoires of information.

surpreendente poder da direção polarizada da opinião pública quando esta é confrontada com paradigmas sociais coletivos.

Segundo o autor, a opinião de minorias pode se propagar em uma “geometria aleatória” de encontros sociais se a informação estiver ao menos coerente com algum paradigma social. Dessa forma, a informação que se constrói em um círculo/ambiente pode ser conduzida, através da propagação, para outros ambientes que compartilham dos mesmos paradigmas. No caso desse boato francês, portanto, o crédito dado à informação se deve a uma imagem negativa dos EUA, o que explica porque ele não se espalhou em outros países, como, por exemplo, a Inglaterra.

Galam ressalta também o poder da mídia no processo de propagação dos boatos. Ainda a respeito do boato de que não houve um atentado ao Pentágono, Galam afirmou que, no início, somente 20% da população francesa acreditou no boato. A grande maioria (os outros 80%, portanto) chamou a informação de “imaginação extremista”. Contudo, quando a TV francesa passou a divulgar a informação como uma hipótese para o caso terrorista, a informação ganhou espaço no debate público.

Além disso, uma outra dúvida se formou entre os franceses: “Por que eles não mostraram nenhum destroço do avião que atingiu o Pentágono?” A ausência de imagens que comprovassem as suspeitas fez a ambigüidade dos fatos se ampliar mais ainda. Dessa forma, a relação entre opiniões e atitudes ocorre quando as pessoas têm mais confiança do que dúvida em relação à informação, sendo que muitas das variáveis de fonte (neste caso, a mídia francesa), mensagem, receptor e

canais podem influenciar no processo de persuasão, e por sua vez influenciar a resposta cognitiva a respeito da informação.

Richard Petty e Pablo Brinol descobriram que quando a dúvida sobre a validade da informação é elevada se diminui o efeito persuasivo. Esta abordagem é importante sob a ótica dos boatos, pois as informações cuja veracidade as pessoas têm dúvidas não se tornam fontes de propagação, ao contrário das informações nas quais as pessoas acreditam, que se propagam devido a seus conteúdos persuasivos.

Contudo, “Embora a abordagem da resposta cognitiva forneça importantes visões a respeito do processo de persuasão, esta apenas foca naquelas situações em que as pessoas são processadoras ativas da informação que lhes são fornecidas”¹⁴ (Petty, Priester e Brinol, 2002:165). Nesse sentido, ao contrário da abordagem da resposta cognitiva, o Modelo de Probabilidade de Elaboração da Persuasão (ELM) propõe que a persuasão pode ocorrer quando as opiniões são elevadas ou baixas, mas cada uma conduzindo diferentes processos de persuasão.

É interessante pensar os boatos a partir do ELM uma vez que esta hipótese, com estudos iniciados por Richard Petty, Joseph Priester e Pablo Briñol (2002), enfatiza que as pessoas não são só persuadidas a partir de questões que são pensadas previamente (opiniões elevadas), tendo uma resposta cognitiva para elas (chamada pelo ELM de “rota central” de persuasão):

¹⁴ Although the cognitive response approach provided important insight into the persuasion process, it only focuses on those situations in which people are active processors of the information provided to them.

(...) quando a motivação e a habilidade da pessoa para processar a informação relevante é baixa, a persuasão pode ocorrer através de uma *rota periférica* na qual os processos invocados pela simples insinuação no contexto da persuasão influenciam atitudes (trad. da autora)¹⁵ (Petty, Priester e Briñol, 2002:168) [grifo do autor].

As pessoas opinam, na maioria das vezes, sem respaldo em opiniões previamente pensadas (opiniões baixas), baseadas em outras variáveis persuasivas, que não só o conhecimento prévio (“rota periférica” de persuasão). Dessa forma, “(...) atitudes mudadas via rota periférica são baseadas em uma aceitação ou rejeição mais passiva através uma simples insinuação e têm fundamento menos articulado”¹⁶ (Petty, Priester e Briñol, 2002:169):

A primeira rota ou *rota central*, para alcançar a persuasão, envolve uma esforçada atividade cognitiva por meio da qual as pessoas obtêm experiência e conhecimento prévio a fim de cuidadosamente investigar a informação relevante para determinar os méritos centrais da posição defendida (trad. da autora).¹⁷ (Petty, Priester e Briñol, 2002:165).

Contudo, as respostas às indagações suscitadas pelos conteúdos dos boatos não se dão de forma pormenorizada, de forma a se investigar exaustivamente suas informações a fim de retransmiti-la (mesmo por que, como já foi dito, os boatos nem sempre revelam fontes de verificação). Na rota central, uma vez que as pessoas têm opiniões sobre a mensagem, o passo final envolve integrar as novas opiniões à estrutura cognitiva total de uma pessoa (Petty, Priester e Brinol, 2002:168). Tal integração só é possível se as informações recebidas forem consideradas de confiança.

¹⁵ (...) when a person’s motivation or ability to process the issue-relevant information is low, persuasion can occur by a *peripheral route* in which processes invoked by simple cues in the persuasion context influence attitudes.

¹⁶ (...) attitudes changed via the peripheral route are based on more passive acceptance or rejection of simple cues and have a less well articulated foundation.

¹⁷ The first or central route to persuasion involves effortful cognitive activity whereby the person draws on prior experience and knowledge in order to carefully scrutinize all of the information relevant to determining the central merits of the position advocated.

Como já foi salientado, mesmo quando a informação contida nos boatos faz parte do universo de opiniões ou do conhecimento de seus receptores, se ela não possuir artifícios persuasivos para formar a rede de propagação, não se forma a rede de boatos. “Cada homem tem um conceito operacional da natureza do mundo no qual ele vive e o que ele percebe depende das suas suposições quase tanto quanto de suas experiências sensoriais”¹⁸ (Shibutani, 1966:171).

A persuasão pode se dar tanto através do caráter instigante da informação quanto pela opinião que as outras pessoas possuem sobre o assunto esboçado. No caso dos boatos, participar de sua propagação significa participar de um grupo, e, à medida que a informação se propaga, tem-se a sensação de que ela é verdadeira (já que outros anteriormente assim consideraram). Aderir a um boato é manifestar sua solidariedade à voz do grupo, à opinião coletiva. O boato proporciona ao grupo a ocasião de compartilhar opiniões, de se expressar.

Outros autores, contudo, defendem somente a “força da argumentação” como elemento chave para uma comunicação persuasiva (como já foi salientado anteriormente). Hosman (2002) investigou o impacto do “estilo de poder do discurso”, que engloba as condições e necessidades que devem estar inerentes aos argumentos das mensagens, a fim de conduzir os participantes (receptores) a construírem favoráveis percepções em relação a um orador ou favoráveis respostas cognitivas e atitudes diante de um tópico. Para o autor, contudo, a persuasão do narrador estava diretamente ligada à sua capacidade argumentativa.

¹⁸ Each man has a working conception of the nature of the world in which he lives, and what he perceives depends almost as much upon his assumptions as upon his sensory experiences.

A força do argumento tem seus efeitos na persuasão – argumentos fortes eram mais persuasivos que os argumentos fracos (Hosman, Huebner e Siltanen, 2002: 362). Nesse sentido, ainda que a fonte se constitua como um “elemento persuasivo” da mensagem, o caráter persuasivo se dá através da força argumentativa (o grau de sua ambigüidade e de sua relevância) e dos fatores inerentes aos receptores. Os autores assinalam que:

A habilidade para processar a informação vai depender de fatores como a clareza da informação e o grau de conhecimento prévio que a pessoa tem; a motivação para processar informação vai depender de fatores como a relevância pessoal da informação e o nível de necessidade do indivíduo para cognição (ou seja, o grau que a pessoa goza para exercer um esforço cognitivo) (Sparks, Raats, Geekie, Shepherd e Dale, 1996:53).

Dessa forma, embora o ELM seja um modelo aplicado à disseminação de informações de mensagens pelos meios de comunicação de massa, a análise do boato pode se enquadrar em tal perspectiva persuasiva por se tratar de uma informação também altamente propagada no ambiente em que ele se processa. Pode-se dizer que, dentro da dinâmica dos boatos, a rota periférica ou secundária de persuasão se dá porque nem todas as mensagens recebidas através da rede de boatos partem de reflexões dos receptores a respeito dos seus conteúdos.

Na inexistência de opiniões precisas a respeito do fato exposto no boato, as informações que giram em torno dele serão igualmente imprecisas. Mesmo que o receptor nunca tenha ouvido falar sobre o conteúdo de um determinado boato, ele pode continuar propagando-o baseado nas inferências imediatas a respeito dos fatos apresentados, motivados por outras razões persuasivas que não o prévio conhecimento e reflexão.

Os boatos também circulam com o intuito de espalhar informações que necessitam de explicações mais profundas. Quando a informação está incompleta, existe uma necessidade de compartilhá-la com os outros, a fim de encontrar as respostas mais plausíveis para ela. As pessoas buscam inconscientemente a aceitação da sua interpretação diante dos outros, sem que necessariamente se utilizem táticas especiais (como a retórica – questão já salientada) a fim de obter esse predomínio.

7. Distorções na mensagem dos boatos

O estudo de Shibutani, apesar de possuir idéias de grande valor, é limitado devido ao período em que se processaram suas idéias (predomínio da linguagem oral e escrita). Nos boatos propagados via meios eletrônicos se percebe uma diminuição da interferência dos receptores nos conteúdos das informações das correntes de boatos, notadamente em correios eletrônicos, que serão estudados no capítulo que se refere aos boatos inseridos no ambiente virtual. Kapferer (1993) critica a conceituação de boato como um objeto necessariamente em estado de modificação pelos seus propagadores. Obviamente, existem dificuldades para se transmitir informações da maneira como foram recebidas; contudo, isto não significa necessariamente que a interpretação dos fatos seja modificada.

Alguns chegam até a considerar essas distorções como um dos traços que definem o fenômeno conhecido como boato. Para Kapferer isso é um equívoco: da mesma forma que nem todos os boatos são dotados de más intenções, nem todos se prestam à distorção. Dessa forma, o importante para o estudo do boato não é a perspectiva final (distorção ou transmissão na íntegra), mas o processo que o caracteriza como tal, uma vez que, independentemente da intencionalidade ou da veracidade da informação, os boatos seguem um processo de propagação

persuasivo. O que ocorre é que, mesmo em relação a boatos cujas informações iniciais não são distorcidas, a fonte de persuasão do emissor inicial pode ser propagada e utilizada pelos receptores para igualmente influenciar outras pessoas.

Além disso, nem sempre os boatos são formados a partir de fatos preexistentes, como saliente Shibutani. Segundo Kapferer, tal conceituação excluiu os boatos sobre fatos fictícios. Muitas vezes é o boato que literalmente cria o fato, pois muitas informações falsas (fatos inverídicos) são disseminadas através dessas redes, desde que exista uma motivação persuasiva para tal (histórias inventadas, mas que possuem características persuasivas e ganham cunho de realidade).

Shibutani afirma ainda que:

A característica central do boato, como comumente é concebido, é o erro. O boato é comumente considerado como uma falsa afirmação, ou ao menos algo que não é verificado e provavelmente falso. Quando uma informação não verificada passa a ser verdade, ninguém observou sua fonte obscura. Quando fatos subsequentes revelam uma afirmação como infundada, o fato é admitido com tendo sido ‘apenas um boato’ (trad. da autora)¹⁹ (Shibutani, 1966:03).

O autor considera que conceituar os boatos como verdadeiros ou falsos, como já foi salientado, não leva às melhores investigações do objeto em si, principalmente levando-se em consideração essas distorções que ocorrem em seus conteúdos quando propagados de pessoa para pessoa. Ainda segundo Shibutani, “Verdade e falsidade são características de proposições; convicção e ceticismo são características dos julgamentos do homem. Homens agem com base em suas

¹⁹ The central attribute of rumor, as it is commonly conceived, is error. Rumor is ordinarily regarded as a false report, or at least one which is unverified and probably false. When an unverified report turns out to be true, no one notices its obscure source. When subsequent events reveal a report to have been unfounded, the item is dismissed as having been ‘only rumor’.

opiniões, as quais não são necessariamente demonstradas verdades.”²⁰ (Shibutani, 1966:7).

O estudo de Allport e Postman demonstrou que o boato não podia senão conduzir ao erro: ao circular, ele se afasta da verdade, tanto no sentido próprio quanto no figurado e representa, pois, uma distorção do real (*apud* Kapferer, 1993:06). Dessa forma, eles sustentam a idéia que uma rede de boatos parte de uma verdade, e esta é conduzida ao erro à medida que comentários são inseridos no processo de disseminação, ou seja, “... no início, tudo é autêntico, no final, tudo é falso” (Kapferer, 1996:124), como se o boato necessitasse da destruição da sua verdade inicial para ser considerado como tal. Análise semelhante é feita por Peterson e Gist, que consideram que “... o boato é ‘um resumo ou uma explicação não verificados, que circula entre pessoas e faz referência a um objeto, um acontecimento ou uma questão de interesse público’” (*apud* Kapferer, 1993:05).

Além do processo de busca semântica, o boato contém em si um constante processo de atualização, tendo em vista que ele “(...) refere-se quase sempre a um acontecimento recente. Mesmo quando se trata de boatos repetidos, ouvidos lá e cá, há mais de dez anos, o relator se apresenta sempre como detentor de um scopp, de uma informação de primeira mão” (Kapferer, 1993:17). O seu conteúdo torna-se muitas vezes, portanto, um esboço para que o receptor transforme o seu conteúdo em fonte de novas transmissões, adquirindo novas características. A fim de tornar atual a informação que em um dado momento já foi transmitida, o boato se atualiza de acordo com o surgimento de novos interesses que suscitam a

²⁰ Truth and falsity are attributes of propositions; conviction and skepticism are attributes of a man's judgment. Men act on the basis of their beliefs, which are not necessarily demonstrated truths.

formação da opinião. A respeito dessa atualidade, Gabriel de Tarde (1901) afirma que:

O que é reputado 'atualidade' é apenas o que acaba de acontecer? Não, é tudo o que inspira atualmente um interesse geral, mesmo que se trate de um fato antigo. Foi 'atualidade', nesses últimos anos, tudo o que concerne a Napoleão, é atualidade tudo o que está na moda. E não é 'atualidade' o que é recente, mas negligenciado atualmente pela atenção da opinião pública, orientada noutra direção (Tarde, 1992:32).

Nesse sentido, tem-se que nem tudo que ocorre em tempo presente produz efeitos sobre a opinião. Muitas vezes uma informação passada (reatualizada) traz mais resultados persuasivos do que algo que acaba de acontecer. Dessa forma, no que diz respeito aos fatos que geram boatos, além de produzirem efeitos de interação da informação com o público (a formação do "problema"), este último deve se sentir estimulado a propagar tal informação.

Mesmo que esta seja sobre acontecimentos de muito tempo, a informação está necessariamente em busca de um ajuste atual; isto alivia a atenção numa situação imediata Por esta razão a notícia tem uma carreira efêmera (trad. da autora).²¹ (Shibutani, 1966:41).

Dessa forma, uma vez que as informações dos boatos podem ser processadas sob diversas formas de interações com seus receptores (com ou sem distorções, crendo ou não em suas informações, etc.), "Estudantes de transmissões em série implicitamente distinguem entre 'produto' da interação social e o 'processo' pelas quais estas são formadas; eles vêem o boato como um produto e estão interessados no caráter do processo pelos quais ele é formado."²² (Shibutani, 1966:07) [grifo

²¹ Even if it is about events long past, the information is necessary for current adjustment; it relieves tension in the immediate situation. For this reason news has an ephemeral career.

²² Students of serial transmission implicitly distinguish between the product of social interaction and the process by which it is shaped; they see rumor as the product and are concerned with the character of the process by which it is formed.

do autor]. A respeito dessas múltiplas formas de transformação ocorrida nos discursos, Foucault ressalta que:

(...) pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que ‘se dizem’ no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que o pronunciou; e os discurso que estão na origem de certo número de atos novos de falar que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e ainda estão por dizer (Foucault, 2001:22).

Portanto, o comentário é apenas um dos traços constitutivos da persuasão dos boatos à medida que promove a inserção de novos fatos e idéias que possam convencer os receptores de seus pontos de vista. Allport e Postman identificam os caminhos pelos quais o boato se processa numa corrente de propagação, e as distorções da informação nele contidas:

Eles sumarizam suas descobertas em termos de três conceitos: ‘*nivelamento*’ designa a tendência de afirmações se tornarem mais curtas, mais precisas e mais facilmente entendidas; ‘*aguçamento*’, a tendência para uma percepção seletiva, retenção e relato de um número limitado de detalhes; e ‘*assimilação*’, a tendência das afirmações se tornarem mais coerentes e mais consistentes com as pressuposições e interesses dos indivíduos²³. (Shibutani, 1966:05) [grifo do autor]

Ainda segundo Foucault, o comentário tem dois papéis: discutir, reatualizar o discurso, abrindo o leque de possibilidades de sentido; e dizer o que estava articulado silenciosamente no discurso anterior. Ele “... conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto seja dito e de certo modo realizado” (Foucault,

²³ They summarize their findings in terms of three concepts: *leveling* designates the tendency of accounts to become shorter, more concise, and more easily grasped; *sharpening*, the tendency toward selective perception, retention, and reporting of a limited number of details; and *assimilation*, the tendency of reports to become more coherent and more consistent with the presuppositions and interests of the subjects.

2001: 26). Ou seja, ser “autor” não é somente escrever ou proferir um discurso, mas é também retomar a idéia retratada.

8. O papel da fonte

Muitos argumentos podem ser utilizados para tornar uma informação persuasiva. A revelação da fonte da informação é um deles, ainda que seja falsa. Dessa forma, um boato quase sempre vem acompanhado de colocações como “um amigo me disse”, “disse que”, “a empresa tal anunciou”, buscando oferecer ao receptor argumentos que comprovem que o que está sendo transmitido condiz com a realidade. Esse mecanismo é ressaltado quando se assinala que:

(...) a fonte de uma mensagem pode provocar uma inferência relativamente simples ou heurística tal como ‘especialistas estão corretos’ (Chaiken, 1987) que uma pessoa pode usar para julgar a mensagem. Similarmente, as respostas de outras pessoas que são expostas à mensagem podem servir como uma insinuação de validade...²⁴ (Petty, Priester e Brinol, 2002:169).

Um boato a respeito de pessoas que morreram de leptospirose contaminadas por latas de refrigerantes sujas de urina de rato, dizia: “uma amiga da família morreu depois de beber uma soda em lata!”.²⁵ Outro relatava os cuidados para se andar com celular na chuva dizendo, que “há cinco dias atrás meu primo de 33 anos decidiu falar ao telefone enquanto chovia forte em São Paulo”.²⁶

²⁴ (...) the source of a message can trigger a relatively simple inference or heuristic such as ‘experts are correct’ (Chaiken, 1987) that a person can use to judge the message. Similarly, the responses of other people who are exposed to the message can serve as a validity cue (...).

²⁵ Disponível em <www.hook.com.br/Boatos_04.htm>. Acesso em: 26 de maio de 2002.

²⁶ RIBEIRO, D. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <projetoboatos@yahoo.com.br> em 27 de maio de 2002.

Para Petty, Priester e Briñol (2002), as pessoas às vezes agem como “organismos preguiçosos” ou “avarentos cognitivos” e empregam meios simplórios de avaliação das informações que lhes são transmitidas, como, por exemplo, através de testemunhas que não se sabe ao certo se são realmente reais. Todavia, Kapferer (1993) não tem uma visão tão pessimista a respeito do caráter não-verificativo adotado pelos indivíduos diante de uma informação. Para ele,

... dizer que o grande público não verifica é uma inverdade. É certo que ele não verifica pessoalmente, mas atua simplesmente através de um intermediário. Na verdade, o boato lhe é relatado sob forma de melhor prova que ele poderia imaginar: a do testemunho direto irrefutável - segundo o diretor do hospital de... que o operou; segundo o funcionário da prefeitura que procedeu à investigação (...) (Kapferer, 1993:94-95).

Na verdade, Kapferer não quer dizer que este seja o melhor caminho para se afirmar que uma informação é verdadeira, mas critica aqueles que consideram que as pessoas não se preocupam com a verificação das informações recebidas, por mais passivos que pareçam os seus métodos. Dessa forma, essa constante utilização de pessoas e, em outros casos, de instituições que respaldem ou legitimem os conteúdos transmitidos, revela o caráter persuasivo dos boatos, uma vez que não só o emissor do boato é testemunha do fato, mas outras pessoas que são utilizadas para respaldá-lo (ainda que a informação ou as testemunhas sejam fictícias). Um boato coletado na internet dizia:

Caro consumidor,

Nosso principal concorrente, Nokia, está distribuindo telefones celulares gratuitamente na Internet. Nós da Ericsson queremos deter esta oferta. Então nós estaremos distribuindo nossos novíssimos telefones WAP gratuitamente. Eles são especialmente desenvolvidos para clientes satisfeitos com a Internet que apreciam a tecnologia de última geração. Distribuindo gratuitamente nossos telefones, nós

conseguimos um grande número futuros clientes e uma boa propaganda 'boca-a-boca' (...).

Anna Swelund
Gerente Executiva de Promoções de Marketing da Ericsson²⁷

Essa mensagem circula pela internet através de correntes de e-mails, trazendo a assinatura de uma suposta autoridade da citada empresa de telefonia celular (Ana Swelund). A suposta existência da pessoa citada (ainda seja através do uso indevido de seu nome) dá ao boato seu poder de convencimento, o que o tornou comum nas caixas de mensagens de diversos internautas.

Em outros casos, alguns boatos buscam persuadir pela narração em primeira pessoa. Neste caso, não são outras pessoas ou instituições que respaldam um acontecimento, mas o próprio sujeito da informação contida no boato (pelo menos supostamente). Um desses boatos coletados na internet relatava que:

Tenho 30 anos, sou casado há oito anos, tenho dois filhos, sendo um recém nascido, moro em casa alugada e tenho uma renda familiar em torno de R\$ 550,00. Essa renda de R\$ 550,00 está totalmente comprometida, sendo R\$ 200,00 para aluguel, R\$ 60,00 para luz e água, R\$ 80,00 para farmácia e médico, R\$ 200,00 para supermercado e R\$ 30,00 para padaria, ou seja, a minha renda é inferior ao meu gasto. (...).

Hoje a minha renda é de aproximadamente três salários mínimos e as minhas necessidades básicas não são atendidas. (...). Para isso os amigos que irão me "emprestar" o dinheiro devem fazer um depósito na conta de poupança descrita abaixo e enviar um e-mail para com os dados do depósito (data, número e valor) e o endereço para correspondência ou nº da conta para o depósito da devolução; se for uma doação sem identificação do doador, este poderá simplesmente efetuar o depósito na conta discriminada abaixo.(...).

Agradeço a atenção dispensada com este e-mail e agradeço também o 'empréstimo' que o amigo poderá fazer para mim.²⁸

Neste caso, um homem relata a sua situação financeira desesperadora, pedindo ajuda dos internautas para pagar suas contas. Muitas hipóteses poderiam ser

²⁷ RIBEIRO, D. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <danielar@timmaxitel.com.br> em 18 de abril de 2002.

²⁸ Disponível em <http://www.quatrocantos.com/tec_web/lendas/12lendas_63.htm>. Acesso em 26 de maio de 2002.

levantadas a respeito do conteúdo: trata-se de um estelionato, à medida que induz o internauta a fazer um depósito em conta bancária; é possível que se trate de um homem realmente desesperado etc. Mas todos esses questionamentos não são o mais relevante na definição do que é boato. As informações, como já foi referido, não precisam ser necessariamente verdadeiras, mas o boato, independentemente do seu caráter verídico, alerta para a uma suposta realidade.

Além disso, o que os boatos não necessariamente revelam são os caminhos para sua confirmação junto as suas fontes, ainda que aqueles que oferecem supostos contatos, na grande maioria das vezes, só sejam utilizados pelos receptores como forma de convencimento, e não de confirmação (como já foi dito, dificilmente as pessoas buscam confirmar essas informações, uma vez persuadidas por elas).

Outros aspectos das fontes podem ser apontados:

Uma melhor opinião sobre a mensagem pode também ser induzida por ter argumentos individuais apresentados por múltiplas fontes ao invés de por apenas uma (Harkins & Petty, 1981; Moore & Reardon, 1987). O efeito de múltiplas fontes é atenuado se as pessoas suspeitarem que as múltiplas fontes não estão fornecendo análises independentes da questão²⁹ (Petty, Priester e Brinol, 2002:173).

Nesse sentido, muitas classificações dos boatos foram formuladas e muitas delas se basearam nas fontes dos boatos. Outras por sua vez se baseiam nos conteúdos, no público atingido ou em suas estruturas. Kapferer apresenta a concepção de boatos utilizada por Rouquette, baseando-se na idéia de que todo boato envolve uma pessoa e um ato a ela relacionado.

²⁹ Great thinking about a message can also be induced by having the individual arguments presented by multiple sources rather than just one (Harkins & Petty, 1981; Moore & Reardon, 1987). The multiple source effect is attenuated if people suspect that the multiple sources are not providing independent analyses of the issue.

OS QUATRO TIPOS DE INFORMAÇÕES

Tipo	Uma pessoa	Pratica uma ação	Reações prováveis
1	amada (+)	positivo (+)	Argh!
2	amada (+)	negativo (-)	È possível?
3	detestada (-)	positivo (+)	É suspeito
4	detestada (-)	negativo (-)	Bem que eu disse!

FONTE: Jean-Noel KAPFERER. *Boatos: o mais antigo mídia do mundo*, p.119.

Uma das relevâncias de tal classificação, apesar de seu caráter incompleto, é a conclusão de que “(...) são as proposições desequilibradas as mais memorizadas: elas surpreendem e marcam os leitores e ouvintes” (Kapferer, 1993:119), à medida que esse desequilíbrio leva à formação de ambigüidades nas percepções e opiniões em relação à informação relatada. Tal ambigüidade se traduz na pré-concepção que as pessoas têm a respeito de fatos e pessoas (“rota central” de persuasão), e a tendência a duvidar de informações contrárias a seus pré-julgamentos (suposições). Esse desequilíbrio estaria, portanto, nos tipos 2 e 3 (uma pessoa “amada” praticando um ato “negativo” e uma pessoa “detestada” praticando um ato “positivo”, respectivamente), uma vez que uma pessoa e uma ação de pólos “opostos” são mais propícias a ambigüidades.

Contudo, esses pólos opostos são menos propícios à formação de correntes de boatos, à medida que não ganham credibilidade perante seus receptores. Estes casos de desequilíbrios tendem a cair no descrédito de seus receptores, tendo em vista que as reações prováveis não levam ao convencimento ou outras reações que estimulem propagações. Como já foi dito, é necessário que exista mais confiança do que dúvidas sobre o conteúdo, a fim de que ele possa ser alvo de uma corrente de boatos.

Nesse sentido, a idéia de Shibutani de que um boato parte sempre de um “acontecimento importante e ambíguo” advém principalmente de situações que as pessoas já possuem pré-disposições de pensamentos. Dessa forma, as informações que reforçam a opinião do receptor e, em muitos casos, o seu preconceito, tendem à propagação uma vez que as informações do tipo negativo-negativo (o tipo 4 da classificação de Rouquette), “... têm não só uma função de alerta, mas também a função de exprimir e reforçar os preconceitos” (Kapferer, 1993:120).

No caso da classificação de Rouquette, o estigma existe em relação à pessoa e sua ação. Contudo, a fonte da informação, ou seja, a pessoa que revela a informação (mesmo que ela não seja o sujeito da ação contida) pode ser igualmente estigmatizada.

Especificamente, pesquisas têm fornecido evidência que quando uma fonte de uma mensagem é um membro de um grupo estigmatizado (por exemplo, gay ou afro-americanos), o receptor da mensagem é mais provável de elaborar [tentar construir uma linha de reflexão e opinião] do que quando a fonte da mensagem é de um grupo não-estigmatizado³⁰ (Pretty, Priester e Briñol, 2002:173).

O que se vê é que as fontes que não apresentam credibilidade tendem a ser descartadas, uma vez que suas informações não tendem a ser objetos de propagações. Na pesquisa “Boatos na Web: uma investigação com desdobramentos empíricos” (Ribeiro, 2002), o objetivo foi delimitar os tipos de conteúdos geralmente encontrados nos boatos. Dessa forma, a pesquisa identificou que muitos boatos se baseiam em informações estereotipadas, formando assim

³⁰ Specifically, research has provided evidence that when the source of a message is a member of a stigmatized group (e.g., gay or African American), message recipients are more likely to elaborate than when the source is a member of a nonstigmatized group.

suas correntes de propagações, ou seja, seu mecanismo de persuasão se baseia na perpetuação de prévias idéias e fortemente estabelecidas.

A respeito do conceito de estereótipo, Maria Manuel Lima (2002), professora do departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Ovieiro, afirma que:

Do ponto de vista da psicologia cognitiva, um estereótipo é social porque refere à caracterização de grupos e porque se trata de cognições de grupos, a respeito de indivíduos identificados sob categorias sociais genéricas, que revelam como tendo um papel particularmente importante na memória construtiva (Lima, 2002).

Sarah Chucid (1983), por sua vez, considera que a primeira característica do estereótipo é a esquematização, ou seja, a redução das características do objeto, simplificando assim drasticamente o seu conceito. A segunda característica seria a persistência, que a manutenção dessa simplificação dentro do processo histórico, o que intensifica ainda mais esse caráter homogeneizante do estereótipo. “No simples terreno da opinião, a simplificação e as motivações inconscientes podem levar a uma população a reagir de maneira repetitiva e quase mecânica” (Via, 1983:32). Dessa forma, boatos que reforçam estereótipos tendem a seguir essa linha repetitiva, à medida que se propagam de pessoa para pessoa.

Um exemplo são os boatos que alimentam o estereótipo de que “Todo político é ladrão”. Na sociedade, notadamente a brasileira, a corrupção e as fraudes políticas são constantemente propagadas pelas mídias, criando-se assim uma relação direta de todo e qualquer ato com o “roubo”, retratando uma visão generalizada amplamente difundida:

Segue o nome dos Deputados Federais do RJ que estão neste exato momento, tentando aprovar no Senado o FIM do 13º-Salário, da Licença Maternidade férias (pagas em 10 vezes) - Alteração do Art. 618 da CLT. A MAIORIA É DO PFL e do PSDB - partidos do Governo. (...) Táí o nome de todos eles. Por favor, repassem para o

Propagando o estereótipo, os boatos desse gênero perpetuam a cadeia de referências superficiais a respeito dos indivíduos envolvidos no conteúdo dos mesmos. O conteúdo do boato, contudo, apesar de ser muitas vezes estereotipado, pode ser reformado, reforçado em uma sucessão de atos comunicativos que venham a torná-lo mais atual e conseqüentemente, capaz de influenciar ainda mais as pessoas a respeito de seus próprios estigmas.

No final alguns boatos assumem uma forma estereotipada que pode ser resumida em uma sentença simples; a caminho deste estado cristalizado, entretanto, eles são formados em uma ampla variedade de verbalizações. Mesmo depois de uma forma razoavelmente estável ter sido alcançada, esta é reafirmada e reforçada como algo que está constantemente sendo construída; quando a atividade comunicativa cessa, o boato não existe por muito tempo.

9. O eterno retorno dos boatos

Outro aspecto importante na análise do boato é a sua capacidade de ressurgimento após um aparente fim. “O eterno retorno do boato comprovaria a atualização, a partir de acontecimentos propícios, de um sistema explicativo profundamente enraizado na consciência coletiva” (Kapferer, 1993:106). Nesse sentido, muitos boatos deixam de circular porque já se tornaram amplamente conhecidos e não porque não se acredita mais nele. No menor dos estímulos, seu conteúdo pode voltar à tona, geralmente agregando características novas, carregadas de um sentido de atualização dos fatos relatados.

³¹ RODRIGUES, A. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <danielar@timmaxitel.com.br> em 03 de junho de 2002.

Na realidade, o boato é uma produção mental: os membros de um grupo questionam-se num certo momento, depois desenvolvem uma suposição. Nessa perspectiva, o surgimento de novas indagações ou fatos ambíguos faz com que a informação do boato se torne altamente mutável e condizente com as perspectivas momentâneas dos indivíduos (que com o tempo podem desaparecer).

Além disso, esse eterno retorno dos boatos também está ligado com a sucessão de gerações. Uma vez que muitos boatos deixam de circular porque já não se trata mais de uma informação de primeira mão, passados os anos eles podem voltar a circular numa nova geração de indivíduos que não o conheciam. O site “Snope.com”, por exemplo, apresenta boatos sobre os malefícios da Coca-Cola que circulam na rede desde a década de 70, e que permanecem num estado constante de desaparecimento/ressurgimento, variando com as suposições e interesses dos indivíduos em cada período. “O retorno do boato é, portanto, um índice da permanência de mal-estar da cidade, do grupo social, do país. Assemelha-se ao reaparecimento episódico de um rio subterrâneo desde que haja uma fissura” (Kapferer, 1993:107).

Esse aparecimento continuado, segundo Pendleton, pode ocorrer devido à baixa eficácia de mecanismos de controle e canalização da informação, bem como de assuntos que possuem um caráter de atualidade. Muitas vezes, um boato que parece uma informação de primeira mão, na verdade transmite informações repetidas, que trazem novos personagens e testemunhas, mas que muitas vezes giram em torno das mesmas suposições e ambigüidades.

Além disso, muitos boatos semelhantes tendem a circular simultaneamente, mas que tratam de questões coincidentes (também mudando os personagens e

testemunhas). Como já foi salientado, Ribeiro (2002) se propôs a classificar os boatos de acordo com seus conteúdos. Foi observado que cinco grandes temas eram contemplados na maioria dos boatos: boatos que se utilizam de instituições e pessoas públicas; que se utilizam da comoção dos receptores; que alertam contra perigos; sobre crenças e superstições; e que afirmam estereótipos (tipo já mencionado nesta pesquisa). Dessa forma, se constatou que muitos boatos buscavam trazer as mesmas construções de sentido nos leitores, girando quase sempre em torno de questionamentos parecidos, ou ao menos utilizando as mesmas formas de persuasão (girando sempre em torno de fatos ou pessoas que suscitam curiosidade dos indivíduos).

O que está sendo afirmado aqui não é que os conteúdos dos boatos sejam óbvios. Se assim o fosse, não existiria a ambigüidade, condição de sua propagação. O que se observa é que só se torna boato aquilo que faz parte do interesse de uma coletividade, girando em torno de elementos comuns. Cada grupo (seja qual for a sua dimensão), por exemplo, tem certos conteúdos que despertam seu interesse.

Por abuso lingüístico, fala-se sistematicamente de ‘grande público’, como se fosse um todo homogêneo, pronto a reagir como um único homem ao menor boato. Na verdade, todo boato fala de um acontecimento particular. O público de um boato reagrupa todos aqueles que se sentem implicados pelas conseqüências desse acontecimento. As conseqüências não são as mesmas de um boato a outro: Os públicos também diferem (Kapferer, 1993:81).

Dessa forma, o boato anteriormente citado sobre uma barragem que supostamente teria estourado em Recife só diz respeito aos moradores da cidade e de outras que possam ser atingidas pelo desastre; boatos anti-americanos só são propagados com mais facilidade em nações que cultivam o estereótipo dos EUA serem o “carrasco”, “mau”, “imperialista” etc.

Todavia, como a presente pesquisa pretende apontar e teorizar a respeito das características do processo de propagação dos boatos dentro do universo ciberespacial (os boatos virtuais), se faz necessário um afastamento do campo das idéias nele contidas, concentrando-se nas suas capacidades propagadoras.

O boato virtual em redes telemáticas, para ser introduzido na presente pesquisa, requer uma análise prévia a respeito das peculiares características do ambiente da Rede, a fim de que os mecanismos de propagação desses boatos possam ser melhor estudados e compreendidos. O próximo capítulo apresentará um esboço da caracterização do ciberespaço, suas novas noções de tempo, espaço, atualização de dados e autoria, mas principalmente, a sua liberdade de circulação de informações e o seu caráter heterogêneo, aspectos que dão ao boato virtual características que lhe são próprias, diferenciando-os em alguns pontos dos boatos propagados em ambientes físicos (não-virtuais).

Capítulo II - A dinâmica da Rede: um esboço

1. A inter-conectividade da Rede

A Web se tornou mais uma via de propagação de informações, não suprimindo com isso os espaços de comunicação anteriores ao seu surgimento (meios de comunicação de massa). Pierre Lévy define esse novo ambiente, o ciberespaço, “(...) como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Lévy, 1999:92). A respeito desse novo ambiente, André Lemos (2003) afirma que:

Trata-se aqui da migração dos formatos, da lógica da reconfiguração e não do aniquilamento de formas anteriores. Não é transposição e não é aniquilação. Estamos mais uma vez diante da liberação do pólo da emissão, do surgimento de uma comunicação bidirecional sem controle de conteúdo (Lemos, 2003:17).

Aliado a esse caráter interconectado, o ciberespaço é notadamente fluido, caracterizado pela conversão de suas informações em códigos numéricos. Dessa forma, “Converter dados contínuos em uma representação numérica é chamado de digitalização.”³² (Manovich, 2001:28), o que por sua vez fez possível a convergência de diversas estruturas comunicação num mesmo ambiente de interação.

Lev Manovich (2001) assinala que:

Nós não deveríamos ficar surpresos que ambas as trajetórias – o desenvolvimento da mídia moderna e o desenvolvimento dos computadores – começaram ao mesmo tempo. As máquinas de mídia e dos computadores são absolutamente necessárias para

³² Converting continuous data into a numerical representation is called *digitization* [grifo do autor].

Dessa forma, a maneira através da qual as informações são constituídas, assimilando novas e velhas mídias, tem relação direta com o desenvolvimento do computador e suas múltiplas capacidades de enlaces informacionais.

Em termos de comunicação nós estamos testemunhando o deslocamento de um modelo de radiodifusão típico da velha mídia e das organizações políticas tradicionais para um modelo de rede difusão sem um centro sustentado por seu duplo papel de emissor e receptor na disposição de seus usuários. Em termos políticos, a criação de uma arena tornada possível pela Internet, onde cada um tem uma voz, somada à possibilidade de ativação de relações diretas entre políticos e cidadãos, conduz ao desenvolvimento de um mercado eletrônico³⁴ (Bentivegna, 2002:50).

Nesse contexto, é indiscutível que o digital constitui-se em um modo singular de (re)produzir discursos, já que permite uma comunicação em múltiplas direções, em rede interativa e descentralizada. “A mídia de massa e o processamento de dados são tecnologias complementares; elas aparecem juntas e se desenvolvem lado a lado, fazendo possível uma sociedade de massa”³⁵ (Manovich, 2001:23). Dessa forma, depois do surgimento das “novas tecnologias”, o ato de comunicar através da nova mídia não se resume mais a fazer chegar uma mensagem de um eixo a outro, mas, constitui-se sim, em uma verdadeira produção de sentidos complexos e altamente ramificados.

³³ We should not be suprised that both trajectories – the development of modern media and the development of computers – begin around the same time. Both media machines and computing machines were absolutely necessary for the functioning of modern mass societies.

³⁴ In communication terms we are witnessing a shift from a broadcasting model typical of the old media and traditional political organizations to a netcasting model without a centre sustained by its dual role as sender and receiver at the disposal of its users. In political terms, the creation of an arena made possible by the Internet, where every one has a voice, together with the possibility of activating direct relations between politicians and citizens, leads to the development of an electronic marketplace.

³⁵ Mass media and data processing are complementary technologies; they appear together and develop side by side, making modern mass society possible.

A constatação desse caráter de “livre circulação” de informações, promovida pela interconectividade, é o primeiro importante aspecto para discussão da rede (e posteriormente dos boatos que nela circulam). Através das múltiplas possibilidades de manipulação de dados e informações, a rede nos proporciona um processo de recriação contínua, modificando consideravelmente o sentido de produção de informações. A interconexão amplia a capacidade de ser ativo, atuante na construção de sentidos, uma vez que estes derivam não de uma direção linear, mas se complexificam à medida que as interações se multiplicam.

A interatividade, portanto, diz respeito à alta conectividade presente nesse ambiente, sendo que múltiplas informações encontram-se interligadas, adquirindo assim uma dinâmica altamente ramificada: em forma de hipertextos, que são unidades de informação interligadas. Através destes, a capacidade de relação direta entre os conteúdos se torna possível, de acordo com o desejo de manipulação do usuário, ligando um ponto a outro baseando-se apenas em seus critérios individuais. Dessa forma, “os hipertextos são manifestações tecnológicas que dependem da iniciativa, invenção e relação dialógica de seu usuário” (Bairon, 1995:142).

Referindo-se a essa problemática, Lévy afirma que “... ele [o ciberespaço] aceita a todos, pois se contenta em colocar em contato um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas” (Lévy, 1999:111). Além disso, toda e qualquer pessoa que tiver acesso à rede pode disponibilizar informações sem passar necessariamente por nenhum critério de veracidade ou legitimidade de seus conteúdos, o que aumenta ainda mais a ausência de um parâmetro de significação único e comprovado. “Sequer podemos

falar em labirinto de significados, pois num labirinto o que está mais atuante é o limite; já no caminho dialético das interfaces e interações, a melhor metáfora seria o não-limite na expansão infinita dos sentidos” (Bairon, 1995:18).

Baseado em tal constatação, o Lévy traça uma analogia entre o universal e o totalizante no ciberespaço, concluindo que “... quanto mais universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável” (Lévy, 1999:120). Tendo-se em vista que novos computadores são conectados à rede, constata-se o aumento do fluxo de informações disponíveis e das relações entre diferentes usuários, encurtando-se assim as noções de distância. Sobre a dinâmica da universalidade, Lévy salienta que:

Quanto mais o digital se afirma como um suporte privilegiado de comunicação e colaboração, mais essa tendência à universalização marca a história da informática. Os documentos digitalizados devem poder circular de uma máquina para outra, desta empresa para a próxima. O usuário de um determinado computador quer poder comunicar-se com qualquer outro computador do planeta (Lévy, 1999:112).

O Universal diz respeito, portanto, à abrangência de interações e interconexões que podem ser feitas na rede. Essa interconexão emerge, portanto, de um modelo de universalidade que “... não totaliza mais o sentido, mas se liga pelo contato, pela interação geral” (Lévy, 1999:119). Os internautas encontram espaço para construir informações ou reconstruir as já existentes, ou seja, eles podem modificar ligações ou acrescentá-las, traçando linhas hipertextuais ligando uma série de documentos que lhe sejam convenientes e desejáveis.

2. A Rede multiplicando os sentidos

Dentro dessa conjuntura amplamente conectada, o ciberespaço multiplica as proposições que possuem suas próprias significações, à medida que não existe um parâmetro de veracidade dos conteúdos nele contidos. Isso não quer dizer que não existam mecanismos na Rede que permitam que os usuários distingam o que são informações de fontes fidedignas ou não, mas o que estamos discutindo é a liberdade de co-existência de conteúdos que antes não tinham as mesmas possibilidades de ser proferidos.

Em comparação com as mensagens midiáticas da imprensa, rádio, cinema, televisão, observa-se que nesses mídias “a mensagem midiática será lida, ouvida, vista por milhares ou milhões de pessoas dispersas, (...) composta de forma a encontrar o ‘denominador comum’ mental de seus destinatários” (Lévy, 1999:116).

Como Rheingold habilmente indica, esta nova revolução da comunicação está deslocando o poder para as pessoas. Este deslocamento de poder ameaça seriamente a dominação das formas tradicionais da mídia de massa, especialmente a televisão, estações de rádio, revistas e jornais, que foram construídos através do modelo de comunicação de um para muitos³⁶ (Lapham, 1995:08)

O ciberespaço, portanto, devido à ausência de “intermediários” na relação comunicativa, ou seja, aqueles que hierarquizam e selecionam previamente as informações disponíveis ao público, permite uma maior liberdade na interpretação

³⁶ As Rheingold aptly states, this new communication revolution is shifting power to the people. This power shift seriously threatens the dominance of traditional mass media forms, specially television, radio stations, magazines, and newspapers, which were built from the one-to-many communication model.

por parte dos receptores³⁷. Antes do advento do ciberespaço, a comunicação era controlada através de intermediários que preenchiam uma função de filtragem: estações de televisão, de rádio, jornais, editoras, gravadoras, escolas, etc. Isso não quer dizer que na Web não ofereça aos usuários nenhum tipo de organização das informações. No jornalismo digital, como salienta Palacios (2003) continuam a existir os papéis tradicionais de seleção e hierarquização de informações, contrapondo-se ao “cenário de desaparecimento do jornalismo” sugerido por Lévy.

Todavia, no que diz respeito aos websites que não possuem caráter institucionalizado e de serviço público, os usuários não necessitam perpassar por esses mecanismos oficiais. No espaço de comunicação propiciado pela Web, não existem intermediários entre o usuário (que é o seu público) e a informação, diferentemente dos meios de comunicação de massa. Na rede qualquer um pode ser um editor de conteúdos sem que lhes sejam cobradas normalizações técnicas ou a origem e/ou autenticidade de suas informações.

Dessa forma, pelo menos para algumas das possibilidades abertas pela web, não há uma prévia “filtragem” na transmissão das informações (a não ser aquela realizada pelo próprio receptor, no momento da escolha dos caminhos a serem seguidos dentro das diversas possibilidades oferecidas por esse ambiente altamente interconectado). Meadows (2003) salienta que uma narrativa interativa é uma representação baseada no tempo dos caracteres e da ação na qual o leitor pode afetar, escolher, ou mudar um enredo. Dessa forma, diferentemente dos mídias “anteriores”, a narrativa na rede atende também aos critérios do usuário, e

³⁷ Como veremos adiante, o ciberespaço caracteriza-se também pela heterogeneidade, havendo também, portanto, formas de disponibilização da informação na internet que passam por controles ou filtros, como no caso de uma lista de discussão com mediador.

não mais somente aos objetivos midiáticos. Ao desenvolver a narrativa, o enredo tem que acomodar uma estrutura mais flexível que permita múltiplas perspectivas em múltiplos pontos de vista, cada um dos quais trabalhando juntos para reunir uma visão de mundo ou opinião total e coesiva.

Assim, na rede não há espaço somente para discurso fechado (institucional), monopolizador da verdade. Esse tipo de discurso, monopolizador, pode até ser defendido e disponibilizado na rede, mas terá que co-existir com os outros discursos existentes. Como assinala Bairon:

As noções clássicas da comunicação baseadas na existência de esquemas como emissor-mensagem-receptor, objetividade das informações, precisão lexical na construção dos parágrafos, composição semântica estruturada com começo (introdução), meio (desenvolvimento) e fim (conclusão) etc., deverão entrar em profunda revisão através da ruptura da linearidade para a qual nos encaminhamos com as novas tecnologias (Bairon, 1995:70).

Nesse sentido, não existe na Rede um “detentor da informação” (a fonte central de seus conteúdos). Os usuários encontram um espaço propício para a disseminação de informações que dizem respeito exclusivamente ao seu denominador mental. Os detentores são todos aqueles que se utilizam da informação, podendo interagir livremente com essa última, ou seja, a fonte informacional está em toda parte em que exista conexão com o hipertexto ciberespacial.

Essa liberdade concedida pelo ciberespaço faz com que suas entidades constituam sobre si várias maneiras de serem reais. O termo “real”, por sua vez, refere-se a seu caráter de existência própria, sendo desprovido de julgamento quanto à autenticidade de seu conteúdo. Palacios (2002) salienta que nossas relações hipertextuais estabelecem uma leitura individualizada, podendo-se afirmar que “...

cada leitor, ao estabelecer sua leitura, estabelece também uma determinada “linearidade”, provisória e única.

Os conteúdos se fundem, à medida que constituem um único corpo de informação altamente ramificado, constituindo um ambiente altamente ramificado no qual se torna impossível conhecer todos os caminhos possíveis de serem percorridos, bem como a “verdade das informações” que são disponibilizadas. Ainda a respeito do hipertexto, José Carlos Ribeiro e Vlândia Jucá descrevem quatro concepções de rede possíveis:

A primeira se refere ao hipertexto como um conjunto de blocos, nós ou lexias unidos por uma rede de links e trajetórias – um texto de elementos eletronicamente conectados, análogo ao texto impresso. Tem-se, como segundo modelo de rede, a idéia de sistema composto por várias lexias colocadas juntas por um autor ou a criação de uma textualidade pela junção de vários autores. Um terceiro sentido seria a de um sistema eletrônico envolvendo computadores e cabos que permite a conexão de várias pessoas. O quarto sentido, e o que mais se aproxima da teoria crítica, considera a rede como a totalidade de termos que não são acabados e que estão em relação com outros termos, caracterizando um processo contínuo de novas produções discursivas (Ribeiro, J. C; Jucá, V. J., 2002).

Dessa forma, o conceito de hipertexto que melhor caracteriza as múltiplas possibilidades de inserções e ajustes na Rede diz respeito a essa ampla inclusão de discursos que se encontram presentes nesse ambiente, mas que muitas vezes não entram na seleção de informações do usuário. Castells reforça essa visão ao afirmar:

O que caracteriza o novo sistema de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, é a sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais. Em razão de sua existência, todas as espécies de mensagens do novo tipo de sociedade funcionam em um modo binário: presença/ausência no sistema multimídia de comunicação (Castells, 1999:396).

O caráter de presença/ausência se refere, portanto, às múltiplas possibilidades de recortes possíveis no universo ciberespacial, altamente relacionados aos critérios seletivos de cada usuário. Nesse sentido, a presença de uma determinada informação só é desvendada quando coincide com tais critérios de busca. Quando o interesse não coincide com a informação digitalmente imersa na rede, ela se mantém ausente do ponto de vista do usuário (que não a desvende), ficando apenas imbuída da sua capacidade latente de “informar”.

3. Quebra da noção de autoria

O processo de comunicação através do ciberespaço modificou as relações funcionais das informações, uma vez que, segundo Lévy, a tendência contemporânea à hipertextualização dos documentos pode ser definida como uma tendência à indeterminação, à mistura das funções de leitura e escrita, antes bastante distinguidas uma da outra. O usuário pode criar o seu conteúdo de leitura e, simultaneamente, interagir com conteúdos já existentes, à medida que qualquer um pode acessar conteúdos ligados à rede hipertextual (desde que tenha acesso aos suportes físicos necessários à conexão).

Além de abrir uma nova relação entre a escrita e a leitura, esta última sofre também mutações específicas a medida que os caminhos escolhidos pelos usuários dentro da rede determinam um novo tipo de leitura, e que “o corte e a estruturação dessas informações em rede podem ser consideradas como uma de suas ‘leituras’ possíveis” (Lévy, 1999:58). O internauta se permite, portanto, selecionar ou priorizar determinadas fontes dentro das diversas que se encontram inseridas no “todo” informativo que é o hipertexto.

A leitura “fora” do ciberespaço também propicia tais “recortes”, uma vez que se pode obter informações advindas de diversas fontes que, por sua vez, podem fornecer diversos significados para uma mesma temática. Porém, essas fontes não se encontram conectadas, presentes no mesmo espaço fluido e atemporal como ocorre com o hipertexto, necessitando de uma busca muito mais complexa e demorada para serem localizadas ou selecionadas. É o caso de pesquisas em bibliotecas, nas quais, apesar dos critérios de arquivamento que facilitam a localização de um livro, não existe a possibilidade de uma interação direta dos conteúdos dos exemplares existentes.

Na rede, porém, os dados se cruzam a critério dos interesses dos usuários. A respeito dessa nova forma de relação dos conteúdos com os usuários, Bolter (1991) afirma que estes últimos podem corrigir uma sentença com um simples ato de teclar; eles podem selecionar um parágrafo, recortá-lo de sua localização atual, e inseri-lo em outro lugar, até mesmo em outro documento.

A internet, portanto, tornou esse corpo escrito uma espécie de “esboço” para a criação de versões de um mesmo conteúdo, otimizando a interação com o receptor, mais próxima da dinâmica da oralidade à medida que a manipulação da informação transmitida oralmente se dá de forma menos complexa que em relação aos conteúdos impressos. Esse corpo hipertextual fluido retoma, ao menos potencialmente, a flexibilidade de interferência na informação transmitida oralmente. Enquanto na mensagem escrita as possibilidades de interpretação do leitor se tornam dificultadas (através do registro formal da informação), na rede, apesar de existir esse registro, essa mensagem (sendo “fluida”) se torna mais passível de interferências de seus receptores. A esse respeito, Stockinger afirma que:

A cibercomunicação multiplica e aumenta os desvios – as interpretações – de tal forma que se distanciam do significado original e criam áreas de sentido com seus significados próprios. Inteiros subsistemas culturais emergem. Sistemas virtuais são ainda mais afetados por esses desvios do que sistemas reais, por causa da instabilidade mais elevada dos seus elementos, que estão muito menos sujeitos a um controle e correção imediatos (Stockinger, 2001:134).

Dessa forma, qualquer um pode agora se tornar um criador simplesmente a partir de processo de seleção de informações previamente concebidas e disponíveis na Rede. A Web permite que o usuário escolha suas opções de ramificação se tornando o que Manovich (2001) chama de co-autor, ou seja, a autoria conjugada a autorias anteriormente estabelecidas. O computador dá ao leitor a oportunidade para ele mesmo tocar no texto, uma oportunidade nunca disponível na impressão, onde o texto está em um plano inacessível ao leitor. Nesse sentido, Bolter (1991) salienta que os leitores de um livro impresso podem escrever em cima do texto ou desfigurá-lo, mas eles não podem escrever nele.

Além disso, as múltiplas formas de interação possibilitam um nível de convergência de conteúdos em dimensões nunca antes possibilitadas.

Ou seja, a verdadeira mudança radical que estamos assistindo não está na revelação de um novo mundo, possibilitado pela multimídia, hipermídia, hipertexto etc., mas, sim, na revelação de um mundo diverso que sempre esteve aí, seja em jogos de linguagem, seja em redes significantes, seja em relações icônicas, seja na erosão do oficial pelo ordinário, seja em linguagem inconsciente, etc (...) (Bairon, 1995:72).

Nesse universo de amplas possibilidades de interações “A multimídia se define como a interação, em uma mesma unidade discursiva, de informação de vários tipos: texto, imagens (fixas ou em movimento), sons e, inclusive, base de

dados ou programas executáveis...”³⁸ (Noci, 2002:86). Nesse sentido, a representação da linguagem comunicativa que se dá através do modo de ser multimídia aponta para a transformação do sentido de espaço. “Como disse Gabriela Habich, ‘se os espaços digitais têm de permitir uma nova forma escritural, esta provavelmente passará por um espaço ideográfico dinâmico no qual convivam logogramas, pictogramas, escrituras fonéticas e alfabéticas’”³⁹ (Noci, 2002:87).

“Se o emissor é quem transmite uma mensagem (escola processual) ou quem produz um significado (escola semiótica), todos os usuários da Internet os são em maior ou menor medida, ao menos potencialmente” (Torres, 2002:1). O estabelecimento de ligações tão rápidas e diretas faz do usuário não só um manipulador dos dados, mas um ser ativo na formação de novos sentidos. “No geral, no mídia impresso está bem a vista qual é a longitude do texto, mas isso não é claro no mídia digital”⁴⁰ (Noci, 2002:136).

Os diversos caminhos que podem ser seguidos e a “fluidez” do ambiente desfazem as barreiras entre os “textos” da Rede, transformando a Web em uma série de partículas pormenorizadas que Manovich explica através do que ele chama de “princípio de modularidade”. Segundo ele, este princípio pode ser chamado também de estrutura fractal da nova mídia. Os elementos da mídia, sejam eles imagens, sons, figuras, ou comportamentos, são representados como

³⁸ la multimedialidad se define como la integración, en una misma unidad discursiva, de información de varios tipos: texto, imágenes (fijas o em movimiento), sonidos e, incluso, bases de datos o programas ejecutables (...).

³⁹ Como dice Gabriela Habich, ‘si los espacios digitales han de permitir una nueva forma escritural, ésta probablemente pasará por un espacio ideográfico dinámico en el que convivan logogramas, pictogramas, escrituras fonéticas y alfabéticas’.

⁴⁰ Por lo general, en el medio impresso está bien a la vista cuál es la longitud del texto, pero eso no queda claro en medio digital.

amostras descontínuas (pixels, polígonos, voxels, caracteres) reunidas em escalas de objetos, mas que continuam a manter suas identidades separadas.

O usuário pode, portanto, criar o seu conteúdo de leitura e, ao mesmo tempo, interagir com conteúdos já existentes, à medida que qualquer usuário pode acessar conteúdos ligados à Rede. Além disso,

A fim de administrar o aumento na quantidade e variedade de informação disponível para elas, as pessoas têm se tornado também mais ativas em filtrar esta informação ou, como cada vez mais parece ser o caso, delegar a outros ‘agentes contratados’ a responsabilidade para servir essa função. Como um resultado da aura de personalização que gira em torno dessa nova mídia, indivíduos podem atualmente sentir-se melhor em saber cada vez menos sobre o mundo em torno deles ⁴¹ (Oscar H. Gandy, 2002:452).

A Rede oferece mecanismos de buscas que são capazes de trazer à tona informações desejadas, auxiliando o usuário na busca por informações que sejam condizentes com seus objetivos de navegação. Além das possibilidades de convergência de informações, a Rede permite uma convergência midiática em níveis nunca antes possibilitados, que também otimizam as capacidades de filtragem e busca dos usuários. A respeito da convergência dos meios na Rede, Martin Lister (1997) afirma que além da união de todos os mídias anteriormente separados, os multimídias digitais atuais incluem também diferentes formas de controle por parte do usuário (chamados de “interativos”).

⁴¹ In order to manage an increase in the amount and variety of information available to them, people have had to either become more active in filtering this information or, as increasingly appears to be the case, delegate to other ‘trusted agents’ the responsibility for serving this function. As a result of the aura of personalization that surrounds these new media, individuals may actually feel better about knowing less and less about the world around them.

4. A heterogeneidade da rede

Essas constatações abrem outra discussão tão importante quanto a constatação da capacidade de livre circulação de informações da rede: a constatação da sua heterogeneidade. A interação das diversas formas de apresentação da informação sempre existiu, mas na Rede ela atinge dimensões e amplitudes nunca antes possibilitadas pelos aparatos técnicos anteriores às novas tecnologias da informação. A Rede e suas múltiplas possibilidades de enlaces, portanto, só podem ser constituídas como ambientes de interação de meios preexistentes através de um avanço tecnológico imprescindível para sua existência enquanto tal.

Sem as redes físicas, o ciberespaço não se constituiria como meio existente e nem as suas múltiplas possibilidades de enlaces seriam possíveis. Essa inter-relação midiática permitida pela Rede revoluciona por aderir novas e antigas formas de captação e transmissão de informações em um só meio, constituindo novas e antigas narrativas. A experiência multimídia da Rede trouxe, portanto, uma nova forma de organização e interconexão de suas narrativas.

“A multimídia é a linguagem na qual se encontram digitalizadas interfaces e interações; podemos dizer que ela é o resultado da expressão interativa de todas as tecnologias até agora existentes” (Bairon, 1995:18). É a interação dos meios que rompe com a estrutura unidirecional de interpretação. Com a multiplicação da diversidade de sons, imagens, textos, vídeos, fica praticamente impossível para as teorias tradicionais de comunicação sustentarem a idéias de uma unidade de interpretação.

O caos materializou-se, um grande apelo ao afrouxamento da rigidez do discurso da academia. Poderíamos ir até mais longe e imaginarmos que esta 'rigidez' não será mais possível em meio à lúdica navegação multimidiática. O 'progresso' não deriva mais da ordem, enquanto sinônimo de sistematização, linearidade e não-conflito, ou seja, enquanto consequência de um método objetivo, pois as novas ciências não-lineares do caos é que deverão garantir a 'evolução' da ciência (Bairon, 1995:137).

Na velha mídia a composição de elementos visuais, textuais e auditivos é possível dentro de uma seqüência particular e previamente formulada por aqueles que constroem e disponibilizam o conteúdo midiático para uma coletividade (massa). Para Manovich (2001) esta seqüência, apesar da convergência de linguagem, atendia aos parâmetros da sociedade industrial, prevalecendo os padrões midiáticos. A nova mídia, porém é caracterizada pela variabilidade (possível pela liberdade do usuário na sua interação com a informação em Rede).

Além disso, a Rede propicia a formação de discursos em uma proporção nunca antes possível. Para ser autor na rede, como já foi dito, não é necessário que o usuário seja autorizado (governo, cientistas, especialistas, etc.), ou que as informações que ele disponibiliza sejam previamente aceitas por mecanismos de controle. Essa ambiente de quebra de hierarquias, que se iniciou antes do advento da Rede, já esboçava aspectos de mudanças a partir do advento das novas tecnologias, que por sua vez culminou na constituição da rede mundial de computadores.

Nesse sentido, promove-se uma maior interação da tecnologia com a informação, à medida que esta última não está mais a serviço da "máquina", mas assume o papel de "matéria-prima" tecnológica: não se desenvolve mais no ideal contemporâneo a idéia de informação para agir sobre a tecnologia, e sim

tecnologia que age sobre o processamento, armazenamento e transmissão da informação (Castells, 1999).

Além disso, na Rede, todos os processos de nossa transformação individual e coletiva se encontram agora ligados a esse novo meio em constante mutação, à medida que cada nova descoberta modifica a forma de agir e pensar, ou seja, muda a forma de atuar sobre a informação. Essa constante mutação permite a inserção de novas formas de discursos sem que existam mecanismos de restrições, intensificando as trocas de informações e visões de mundo.

As noções de “localização” dessas informações, portanto, também são igualmente provisórias. Manuel Castells afirma que na rede “localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço dos lugares” (Castells, 1999:397). Nesse sentido, não só as noções de significado são alteradas, mas também as noções espaciais (aspecto igualmente importante para a posterior descrição dos boatos virtuais em rede telemáticas). Negroponte (1995) estabelece essa relação da seguinte maneira:

Do mesmo modo como o hipertexto remove as barreiras da página impressa, a era da pós-informação vai remover as barreiras da geografia. A vida digital exigirá cada vez menos que você esteja num determinado lugar em determinada hora, e a transmissão do próprio lugar vai começar a se tornar realidade (Negroponte, 1995:159).

Além disso, uma vez que na Rede as noções de espaço são modificadas, muda-se também a noção de distância geográfica. Negroponte (1995) revela que muitas vezes ele tem a impressão que recebe respostas mais rápidas de lugares distantes do que de lugares próximos à sua localização física. Devido à diferença do fuso horário, muitas vezes as respostas para seus e-mails chegam enquanto ele está

dormindo, dando a impressão de que as pessoas estão mais próximas. Na verdade, as pessoas realmente estão mais próximas, mas através de outra noção de “presença” virtual.

“Quando utilizo a informação, ou seja, quando a interpreto, ligo-a a outras informações para fazer sentido ou, quando me sirvo dela para tomar uma decisão, atualizo-a” (Lévy, 1996:58). Dessa forma, o tempo ciberespacial também modifica a dinâmica do conteúdo, uma vez que este é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem. O ciberespaço, portanto, é um espaço de ausência cronológica, no qual tudo se atualiza em uma velocidade impossível no plano não-digital.

Todas essas peculiaridades do ciberespaço agora apontadas são responsáveis por mudanças na forma com que os indivíduos interagem uns com os outros. Evidentemente, cada tipo de relação social se adequou de uma maneira particular a essas mudanças, agregando novos elementos e novas formas de propagação de idéias, opiniões e interpretações do mundo (nesse sentido, nem todas essas mudanças acarretaram rupturas, a ser visto posteriormente no terceiro capítulo, ao se discutir se ocorreram ou não mudanças no conceito e na dinâmica de propagação dos boatos quando inseridos na Rede).

Nesse sentido, como já foi salientado, uma das importâncias de se trazer toda essa discussão sobre os elementos da nova mídia é apontar o seu caráter heterogêneo. Todas essas peculiaridades, notadamente a multimídia, oferecem um meio de propagação bastante fragmentado e que pode ser explorado pelos usuários de diferentes maneiras, agregando características igualmente diferenciadas.

Todavia, a heterogeneidade da Rede se caracteriza também pela coexistência de diferentes estruturas comunicativas dentro de um mesmo ambiente de interação. Na Rede não existem só várias formas de se produzir informações – texto, som, imagens –, mas também várias estruturas para propagá-las – websites, correios eletrônicos, chats, listas de discussão etc. Cada uma dessas estruturas apresenta uma dinâmica de difusão de informações diferenciada, que influenciam nas possibilidades de interferência dos usuários em relação aos conteúdos disponibilizados digitalmente.

Enquanto ambiente de informação, comunicação e ação múltiplo e heterogêneo, e em função dessa multiplicidade e heterogeneidade, a Internet possibilita a **co-existência**, lado a lado, de ambientes informacionais *stricto senso* (bancos de dados dos mais variados tipos), jornalísticos (jornais online, rádios online, agências de notícias, etc) educacionais (cursos à distância, listas de discussão especializadas, simulações educativas, bibliotecas), de interação e comunicação (chats, fóruns, correio eletrônico), de lazer e cultura (jogos online, museus), de serviços (bancos, sites para declaração de impostos online), comerciais, de trabalho, etc, etc (Palacios, 2003:7) [grifo do autor].

A transmissão e processamento de informações através de websites, por exemplo, se dá de forma diferente em relação às informações transmitidas através de correios eletrônicos. Essa diferença em particular será realçada no próximo capítulo quando for feita a referência das diversas estruturas de propagação dos boatos virtuais em redes telemáticas. Voltaremos, portanto, a partir de agora, ao objetivo principal dessa pesquisa: definir e caracterizar o boato dentro da Rede – o boato virtual.

Assim como as outras manifestações humanas, o boato foi deslocado para esse novo ambiente, e de acordo com cada uma das formas de propagação de

informações possíveis na Rede, adquiriu novas perspectivas de transmissão e processamento que necessitam de uma análise mais detalhada.

O próximo capítulo, portanto, descreverá o que muda no processo de transmissão do boato quando inserido na dinâmica do ciberespaço (e as especificidades de cada uma de suas estruturas comunicativas), apontando as semelhanças com outros meios de propagação e, principalmente, as diferenças, que por sua vez tornam o boato virtual um objeto relevante para análise. Essa análise comparativa, porém, só foi possível devido à relação traçada entre as características gerais dos boatos e as especificidades da rede, procurando assim definir o boato virtual em redes telemáticas.

Capítulo III – Os boatos virtuais em redes telemáticas: o que muda na Rede?

A Internet tem renovado o sentido de vida cotidiana à medida que novas formas de vida e de interações sociais têm sido possibilitadas. “A tecnologia da comunicação, finalmente, parece ter se encontrado no senso comum. As formas de vida cotidianas serão privilegiadas e, de fato, serão as fontes direcionadoras da tecnologia” (Bairon, 1995:66). Dessa forma, a tecnologia não está somente mudando as formas de produção, mas também as relações humanas e seus múltiplos discursos.

Avaliar que elementos estão implícitos na construção dos boatos na Internet permite contribuir para a construção de uma visão mais embasada a respeito das múltiplas possibilidades de expressão na dinâmica do ciberespaço e sua liberdade de circulação de informações (como esboçado no capítulo II). Além disso, como também foi exposto no capítulo II, a rede é um ambiente heterogêneo no qual coabitam diversas formas (texto, sons, imagens) e estruturas comunicativas (chats, e-mails, listas de discussão, websites, etc.). Nesse sentido, a constatação dessa heterogeneidade é outro importante pressuposto para se discutir a respeito dos boatos virtuais em redes telemáticas. Partiremos, porém, da relação entre o boato e as características ciberespaciais gerais, ou seja, aquelas que perpassam a rede em sua totalidade (características conceituais), e posteriormente relacionaremos tais características com as diversas estruturas comunicativas presentes na rede.

Este capítulo, portanto, tem como objetivo salientar as mudanças que o boato sofre ao ser inserido na rede, e investigar de que forma as suas principais características (esboçadas no capítulo I) se processam nesse novo ambiente de

propagação. Estas comparações, como já foi mencionado, foram possíveis através não só da análise das características dos boatos e da rede, como também da observação direta dos boatos quando inserido em redes telemáticas. Conforme salientado na introdução, este estudo se baseou inicialmente numa pesquisa intitulada “Boatos na web: uma investigação com desdobramentos empíricos” (2002), na qual foram analisados cerca de 500 boatos circulados através de correio eletrônico (entre maio e novembro de 2002). Esses e-mails serviram de *corpus* preliminar de análise, a fim de que fossem apontadas algumas mudanças ocorridas na dinâmica de propagação dos boatos quando retransmitidos através dessa estrutura comunicativa da rede (o correio).

Além disso, para fins de aprofundamento desse estudo preliminar, a presente pesquisa analisou também os boatos que circulam através de websites. Tendo em vista que, como já foi salientado, correios eletrônicos e websites são estruturas comunicativas diferenciadas dentro da rede, este estudo traça também uma relação comparativa entre essas duas estruturas.

1. O que é o boato virtual?

As características gerais dos boatos, analisados no primeiro capítulo, foram confrontadas com as características identificadas nos boatos virtuais, o que demonstrou algumas aproximações, mas também algumas diferenças. No que diz respeito a algumas características conceituais, os boatos virtuais mantêm as mesmas descrições: anonimato, caráter persuasivo, ambigüidade, informação desprovida do conceito de verdade (o boato se impõe como verdadeiro, mas não traz necessariamente uma informação verídica). O que se percebe porém é que, mesmo possuindo as mesmas características conceituais, algumas delas sofrem

mudanças a partir das especificidades da Rede (levantadas no capítulo II e que serão analisadas adiante): o anonimato, a capacidade de atualização e a ausência de intermediários.

1.1. O anonimato dos boatos na Rede

Como já foi salientado no primeiro capítulo, o discurso persuasivo é freqüentemente confundido com o discurso institucional, mas o boato, por ser uma voz anônima, não trafega por instâncias institucionais, mesmo em se tratando de boatos fora da Rede (os boatos tradicionais – escritos ou contados oralmente). Na dinâmica ciberespacial, as barreiras entre discursos oficiais e não-oficiais se tornam ainda mais frouxas e com menor importância para os usuários. Num ambiente virtual, onde as noções de “autoria” e “verdade” estão disponíveis a todos os usuários, o boato encontra uma pré-condição favorável à formulação de uma condição de “verdade” (ainda que esta formulação seja falsa e seja se passando por verdadeira), uma vez que todos podem defender aquilo que, dentro das suas perspectivas, é “verdadeiro”.

Isso revela, portanto, que a liberdade de circulação de informações dentro da rede potencializa as capacidades propagadoras dos boatos. Dessa forma, na virtualidade da rede, todos podem se posicionar como fontes fidedignas, daí a necessidade de estudar o boato virtual não só como um objeto de comunicação, mas como um objeto de poder, potencializado pelas múltiplas “permissões” presentes na rede.

A questão da formação do boato está se tornando de importância estratégica para todos os níveis da sociedade. O controle e o tratamento com o intuito de controlar uma informação é agora uma questão primordial em organizações sociais incluindo a economia, a política, a defesa, a moda e até mesmo os assuntos pessoais, especialmente com o surgimento da Internet, que propicia um suporte para qualquer um dizer qualquer coisa e assim consequentemente ser ouvido por milhões de pessoas ⁴² (Galam, 2003:572).

Dessa forma, “Anonimato online auxilia alguém a superar limites de identidade e comunicar-se mais livremente e abertamente, assim promovendo uma troca mais esclarecida de idéia” ⁴³ (Papacharissi, 2002:16). Antes da Internet, o boato, dentro da sua característica de anonimato, tinha suas possibilidades de persuasão limitadas pelo fato da coexistência de “autores institucionalizados”, logo não-anônimos. Contudo, na Rede, o anonimato perpassa diversos tipos de discurso, não só o dos boatos, tornando a característica obscura de suas fontes algo comum no cotidiano dos usuários.

1.2. Potencialização da capacidade de atualização

Outra característica da rede que interfere na dinâmica dos boatos virtuais é a sua rápida capacidade de “atualização” dos conteúdos. O boato, de uma maneira geral, para atingir seus objetivos de propagação, deve sempre trazer ao receptor uma idéia de “atualidade”, que se caracteriza por uma constante transformação discursiva (seja agregando novos discursos, seja substituindo-os por outros). Como já foi assinalado, o boato quase sempre é transmitido em tempo presente, uma vez que, “mesmo quando se trata de boatos repetidos, ouvidos lá e cá, há

⁴² The subject of rumor formation is becoming of a strategic importance at all levels of society. The control and possible handling to manipulate information are now major issues in social organizations including economy, politics, defense, fashion, and even personal affairs. Especially with the existence of Internet which provides a support to anybody to say anything and then consequently to be possibly heard by millions of people.

⁴³ Anonymity online assists one to overcome identity boundaries and communicate more freely and openly, thus promoting a more enlightened Exchange of ideas.

mais de dez anos, o relator se apresenta sempre como detentor de um scopp, de uma informação de primeira mão” (Kapferer, 1993:17).

Como já vimos no primeiro capítulo, além de tornar atual a informação que em um dado momento já foi transmitida, o boato se atualiza de acordo com o surgimento de novos interesses que são suscitados no contexto social e histórico no qual ele se propaga. Dessa forma, tendo em vista que na dinâmica dos boatos não é possível saber quais caminhos foram percorridos pela informação, incluindo suas interpretações e comentários, o boato virtual se torna ainda menos controlado e mensurável. A concomitância do macro e do fragmento no hipertexto acaba oferecendo ao usuário não só a oportunidade de perder o contexto, mas também de mudá-lo na hora em que achar conveniente (Bairon, 1995:139).

1.3. Ausência de intermediários na comunicação

Outra característica relevante para a análise dos boatos é o fato da rede nem sempre possuir intermediários diretos na comunicação com o usuário, o que possibilita a circulação de idéias sem o mesmo grau de verificação dos outros meios de circulação de informação, notadamente os meios de comunicação de massa (o que potencializa ainda mais o caráter de livre circulação). Dessa forma,

... o ajuste à quantidade de informação enfrenta o desafio adicional da verificação. A literatura em psicologia social indica que sempre que um novo meio emergiu no passado, as pessoas aplicaram o julgamento de processos já existentes (...). A análise custo-benefício torna improvável que os usuários gastem o tempo e o esforço mental requeridos para testar se a informação está correta ou não (trad. da autora).⁴⁴ (Buchstein, 1997:255).

⁴⁴ (...) the adjustment to the amount of information (...) faces the additional challenge of verification. The literature in social psychology indicates that whenever a new medium emerged in the past, people by and large applied the judgment processes they already possessed.(...) Cost-benefit analysis makes it unlikely that users will expend the time and mental effort required to test whether information is correct or not.

Isso faz com que, na dinâmica de propagação dos boatos na rede, exista a formação de um posicionamento individual diante da informação, ou seja, o discurso verdadeiro passa a se configurar como tal a partir do julgamento do próprio usuário (e não mais calcado nos moldes institucionais). Dessa forma, na rede, desenvolveu-se a cultura dos “julgamentos individuais”, nas quais informações como os boatos (que por si só já despertam atenção e curiosidade do usuário) encontram condições de adquirir um caráter de verdade nunca antes possibilitado. Se na dinâmica do boato fora da rede já não se fazia necessária uma verificação da veracidade da informação transmitida (seus argumentos falavam por si), dentro da dinâmica ciberespacial esse processo de creditação de verdade se tornou ainda mais intenso.

Na rede, portanto, é possível aos usuários fazerem construções de significados que buscam satisfazer somente o seu ideal de sentido, ou o sentido que eles consideram que virá influenciar as pessoas que eles desejam. O boato encontrou na rede, diante desse aspecto de liberdade de sentidos, um campo fértil para a expressão de discursos marginalizados.

Esta visão de verdadeira esfera pública consiste em várias esferas de contra-públicos que têm sido excluídos do discurso político predominante, e que usam a comunicação virtual para reestruturar a corrente de ação que lhe foi retirada (trad. da autora)⁴⁵ (Papacharissi, 2002:21).

Bairon (1995), quando se refere aos seis princípios abstratos do hipertexto defendidos por Lévy (princípio da metamorfose de heterogeneidade, da multiplicidade e do encaixe das escalas, da exterioridade, da topologia, e da

⁴⁵ This vision of the true virtual sphere consists of several spheres of counterpublics that have been excluded from mainstream political discourse, yet employ virtual communication to restructure the mainstream that outside them.

mobilidade dos centros), salienta que ele não cogitou uma espécie de princípio denominado “princípio palinódico”. Esse princípio se refere a uma estrutura no hipertexto que possibilita o desdito, como consequência das inúmeras interpretações e caminhos pelos quais o usuário pode “navegar”.

A condição palinódica do discurso no hipertexto está calcada em sua estrutura nodal. Os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeos, etc., podem, não só, tal como na obra de arte, criar significação diferente da última encontrada, como, inclusive, desdizê-la (Bairon, 1995:140-141).

Mas esse princípio, pensando na dinâmica de interpretações dos boatos (dentro da cadeia de propagação), não se processa através do “desdito” (o contrário da afirmação; o que é dito ao contrário), mas aponta para a busca de novas referências a respeito dos fatos. Dessa forma, o boato não se processa através da negação e sim do acréscimo. Uma vez que o boato é, de certa forma, negado, suas informações tendem a não ser mais persuasivas e assim perdem o caráter de boato. O desdito pode se dar a partir da substituição de um argumento por outro, mas não da negação da informação de uma maneira geral.

2. Boatos Virtuais x Heterogeneidade da Rede

Uma vez feitas as comparações das características dos boatos que sofrem mudanças (potencializações) na Rede, salientaremos as mudanças a partir do seu caráter heterogêneo, tendo em vista que cada uma dessas características se apresentavam em maior ou menor escala, a depender da forma e da estrutura comunicativa da rede. Para fins desta pesquisa, conforme já salientado, a heterogeneidade aqui discutida é caracterizada por duas análises distintas: as diversas formas em que os conteúdos podem ser apresentados (sons, imagens,

textos) e as diversas estruturas nas quais os conteúdos podem ser disponibilizados na rede (e-mails, websites, chats, listas de discussão, etc.).

Partindo-se da primeira análise, temos que, quando as noções de “detentor da verdade” e “detentor da informação” são analisadas a partir não só do caráter virtual da rede, mas a partir de seu caráter multimidiático, essas noções se tornam ainda mais complexas. Além da comunicação na rede estar ocorrendo a partir da linguagem escrita (virtualmente disponível), esta última está compartilhando espaço com imagens, textos, sons e vídeos. Dessa forma, as noções de “informação” e de “verdade” dos boatos virtuais não perpassam somente as tradições da linguagem escrita, mas também o campo das imagens (estáticas ou em movimento).

Se os textos dos boatos já falam por si, o que dizer das imagens que se propagam seguindo esses mesmos critérios: ambigüidade, argumentação persuasiva elevada, propagação, anonimato (características já amplamente discutidas aqui)? Um novo sentido de discurso do boato é produzido com essas novas formas de trazer a informação e, com ela, novas formas de se posicionar como verdadeira.

Dessa forma, falar de boatos virtuais enquanto informações que se impõem como verdadeiras também pressupõe uma discussão a respeito de boatos transmitidos através de sons e imagens. Muitos boatos circulam na rede através de textos escritos acompanhados de imagens que servem para reforçar o que está sendo dito, ou até mesmo boatos em que as imagens ou vídeos falam por si só, sem que sua base argumentativa esteja calcada em algum tipo de mensagem escrita.

Um vídeo a respeito de um suposto jornalista americano, que teria sido decapitado por um iraquiano, circulou através de correios eletrônicos. A mensagem não trazia

nenhuma informação textual, somente um arquivo em vídeo anexado. Esse vídeo foi altamente propagado, uma vez que as pessoas foram persuadidas pela força das suas imagens. Um outro caso, espalhado de forma um pouco diferente, referia-se a um suposto vídeo de uma garota mantendo relações sexuais com seu namorado. O vídeo ficou disponível na rede, num website, e através do conhecimento de sua existência (propagada boca-a-boca, via correio eletrônico, etc.), as pessoas acessavam-no para conferir as suas seqüências de imagens.

Segundo Manovich, “Quando um ‘objeto’ é inserido num documento (por exemplo, um clip media inserido num documento Word), este continua a manter sua independência e pode sempre ser editado com o programa originalmente usado para criá-lo” ⁴⁶ (Manovich, 2001:30). Assim como os usuários podem alterar as informações textuais, eles podem também, de acordo com seus desejos e objetivos, manipular as imagens que acompanham tais informações, uma vez que “Todos os objetos da mídia, sejam criados do ponto de partida em computadores ou convertidos por fontes de mídia, são compostos de código digital; eles são representações numéricas” ⁴⁷ (Manovich, 2001:27).

É antigo, anterior ao advento da rede, o poder de convencimento que as imagens trazem àqueles que estão sendo bombardeados com informações que se impõem como verdadeiras (reais). Não só o sentido de verdade tenta ser imputado, mas o sentido de fornecer o prazer da observação dos fatos (que pode estar também numa cena de crueldade como uma decapitação, que embora cause repugnância e

⁴⁶ When an ‘object’ is inserted into a document (for instance, a media clip inserted into a Word document), it continues to maintain its independence and can always be edited with the program originally used to create it.

⁴⁷ All new media objects, whether created from scratch on computers or converted from analog media sources, are composed of digital code; they are numerical representations.

indignação para alguns, para outros traria o que Muniz Sodré (1985) chama de “gozo do olhar”).

O advento das novas tecnologias trouxe para os indivíduos não só novas formas de disponibilizar informações (dentre elas as imagens), como também de produzi-las.

Na Internet, cada pessoa pode ser uma estação não autorizada de TV. Três milhões e meio de câmeras de videocassete foram vendidas nos Estados Unidos ao longo de 1993. Não se trata (graças a Deus) de cada filme caseiro vir a tornar-se um programa de horário nobre. Mas podemos agora pensar nos meios de comunicação de massa como algo bem maior do que a TV profissional e de altos custos de produção (Negroponte, 1995:168).

Santaella afirma que as múltiplas possibilidades de manipulação das imagens conduzem a uma perda de sentido da realidade:

A profusão das misturas entre real e irreal, registro e manipulação, imagens referenciais, imagens sintéticas, intercambiadas ou sobrepostas, autonomia rítmica, que se desloca e desprende do tempo do referente, até a invenção de um universo próprio, são as características que afastam cada vez mais o vídeo de sua pretensa genealogia e vocação realista (Santaella, 1996:180).

Dessa forma, essas imagens, embora possam ser facilmente manipuladas, ou seja, possam se afastar do sentido de realidade, trazem uma argumentação persuasiva. A “consciência do duplo”, expressão que Santaella utiliza para designar a consciência de que o que se vê na imagem é a representação do real e não ele propriamente expresso, abre e intensifica a consciência da brecha, fenda, hiato entre o mundo e sua imagem. E essa brecha torna possível que o caráter de ambigüidade das informações dos boatos se torne muito comum também no universo das imagens.

Fotografias também são usadas como elementos persuasivos na propagação de boatos na rede, podendo ser igualmente manipuláveis ou produzidas. Muitos boatos a respeito de crianças desaparecidas circulam na rede (tanto em websites quanto em correios eletrônicos), trazendo fotos dessas pessoas, a fim de que possam ser identificadas por usuários que ocasionalmente as tenham visto. Um desses boatos relatava:

DIVULGUE! PODERÁ SER ENCONTRADO

Desapareceu em 01 de Agosto de 2003 Daniel Carvalho da Silva de Jesus, 3 anos de idade e o pai é Fausto Carvalho de Jesus, 38 anos. Se alguém souber de algo relativo ao desaparecimento do Daniel, contactar (351) 912277887 ou cdsilva@aeiou.pt . Muito obrigado pelo tempo perdido a ler esta mensagem, por favor, enviem ao maior número de pessoas possível. Segue sua fotografia em anexo.⁴⁸



Foto anexada à mensagem acima

Evidentemente, tais fotografias também poderiam ser usadas em boatos fora da rede, mas a possibilidade de reprodução virtual faz com que as possibilidades de utilização desses suportes sejam mais complexas, tendo em vista que a digitalização dos conteúdos da rede, como já foi apontado, permite uma maior

⁴⁸ D. RIBEIRO. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <danielar@timmaxitel.com.br> em 18 de abril de 2002.

possibilidade de manipulação dos seus objetos (sejam eles sons, textos ou imagens). Não se trata, porém, da facilidade de reprodução, tendo em vista que a imagem transmitida é exatamente aquela que se recebe (ela pode estar em todos os lugares onde exista a rede, como foi salientado no capítulo II), mas da capacidade de retransmissão de dados digitalizados já existentes.

Mas, como já foi dito, não são apenas os múltiplos formatos (característica multimidiática) que a informação do boato pode adquirir que revelam o caráter heterogêneo da rede. Essa heterogeneidade pressupõe também que, na rede, as informações podem ser transmitidas a partir de diversas estruturas comunicativas. Todavia, diante da diversidade de formas de disseminação, a presente pesquisa se deteve na análise das estruturas mais comuns de propagação de boatos na rede: os boatos disponíveis na world wide web e os boatos propagados através de correios eletrônicos (meios nos quais, até então, temos buscado exemplos para explicar os múltiplos formatos de boatos na rede), trazendo simultaneamente comparações entre ambos.

No que diz respeito aos boatos virtuais disponibilizados através de websites, é necessário que se faça uma distinção entre propagação e acessibilidade. É possível que, através de conversas presenciais, as pessoas tomem conhecimento que uma determinada informação está disponível na rede (o boato virtual), e passem a acessá-la; é possível ainda que um indivíduo acesse aleatoriamente uma determinada informação na rede e a retransmita, iniciando uma cadeia de propagação etc. Nesse sentido, na rede, para que um boato virtual se configure como tal, é necessário que sua informação seja, além de propagada (levada ao conhecimento do usuário, independentemente do meio), altamente acessada (na rede).

O verdadeiro sentido de boato virtual em websites só se concretiza quando a sua característica de ambigüidade e persuasão é “ativada” (através do acesso ou da retransmissão). Esse tipo de boato virtual, portanto, assim como as outras diversas informações que se encontram na rede, quando não coincide com a informação buscada pelo usuário, mantém-se ausente do ponto de vista dos usuários (que não o desvendam), ou seja, fica apenas imbuído da sua capacidade latente de “informar”.

Tal dinâmica é diferente dos boatos transmitidos via correio eletrônico, por exemplo, porque através dessa via se pode informar a existência do boato através do seu reenvio direto, ou seja, a propagação e a acessibilidade se dão simultaneamente e por meio de caminhos virtuais.

A despeito das múltiplas possibilidades de interpretações e modificações propiciadas pela digitalização – capacidade de atualização (característica já discutida neste capítulo) –, na propagação dos boatos especificamente em correio eletrônico esta capacidade se torna pouco utilizada. A facilidade propiciada pelo correio eletrônico, na realização de ações em seus menus, torna a atividade de retransmissão de conteúdos pela ativação de poucos “clicks” no mouse: basicamente, “redirecionar”, “selecionar os endereços desejados” e “enviar”. Dessa forma, a ausência de interações do usuário na informação recebida é, muitas vezes, induzida por limitações impostas por mecanismos tecnológicos de acesso (interfaces), com o intuito de facilitar sua utilização por parte do usuário (na contramão da excessiva liberdade de interação propiciada aos usuários nesse universo online).

O e-mail permite uma mobilidade extraordinária, sem que ninguém tenha de saber seu paradeiro. Embora isso possa ser mais relevante para um caixeiro-viajante do que para as demais pessoas, o processo de permanecer conectado levanta algumas questões interessantes e de caráter geral no tocante à diferença entre bits e átomos na vida digital (Negroponte, 1995:185).

Não se trata de não existirem meios de os usuários interferirem nas informações recebidas através de correios eletrônicos. Obviamente essas mensagens podem ser editadas a critério do usuário, podendo posteriormente ser retransmitidas. Mas o que se percebe é que, em se tratando das mensagens persuasivas e ambíguas presentes nos boatos, nos quais as pessoas apresentam um desejo de retransmissão em primeira mão, suas informações tendem a ser mantidas na íntegra. Nesse sentido, o correio geralmente não potencializa, em efeitos práticos, a capacidade “mutante” que o ambiente virtual propicia aos usuários.

É certo que a cibercomunicação “... multiplica e aumenta os desvios – as interpretações –, de tal forma que se distanciam do significado original e criam áreas de sentido com seus significados próprios” (Stockinger, 2001:134). Contudo, quando se trata da disseminação de conteúdos através do correio eletrônico, essa facilidade de retransmissão pode desencorajar ou impor limites para o que seria uma das características mais notáveis da rede – a capacidade de atualização de seus discursos.

Essa mesma limitação da interferência sobre o conteúdo, imposta pelo correio, esconde, porém, a ativação de outra característica: a alta capacidade de propagação de informações (ainda que originais, sem atualizações) para outros usuários da rede. A esse respeito, tem-se que:

Quando trabalhamos com multimídia e formas de apresentar a informação, o software se converte em um meio de empacotar a informação para o usuário. Devo dizer que o software define as convenções de uma cultura em relação aos objetos da informação e determina como podemos esperar que o usuário 'leitor' haja com este pacote de informação⁴⁹ (Brown e Chignell, 1997:228).

Os softwares são desenhados a partir de determinações psicológicas, uma vez que, através do desenho limitado de suas interfaces, buscam otimizar a relação do usuário com as funções inerentes ao seu desenho, ainda que ajam como filtros, restringindo a sua interferência nos conteúdos das informações. Dessa forma, esse mesmo desenho, que limita a capacidade de atualização de dados, promove uma capacidade de retransmissão para diversos usuários, simultaneamente, em alta velocidade. Além disso, conforme Manovich,

Porque a nova mídia é criada em computadores, distribuída por computadores, e armazenada e arquivada em computadores, é de se esperar que a lógica do computador pode influenciar significativamente a lógica cultural tradicional da mídia; ou seja, nós podemos supor que a camada do computador afetará a camada cultural⁵⁰ (Manovich, 2001:46).

O que se constata não é mais a idéia do computador intermediando o homem, mas o homem intermediando a sua própria cultura, através de uma interface codificada. Através da liberdade de manipulação de dados interligados, o homem encontra, portanto, um ambiente propício para o desenvolvimento de discursos e ações em escalas de manipulação e retransmissão nunca antes imaginadas. Contudo, como já foi dito, essas relações são muitas vezes limitadas por

⁴⁹ Cuando trabajamos con multimedia y formas de presentar la información, el software se convierte en un medio de empaquetar la información para el usuario. Es decir, el software define las convenciones de la cultura en relación a los objetos de la información y determina lo que podemos esperar que el usuario o 'lector' haga con este paquete de información.

⁵⁰ Because new media is created on computers, distributed via computers, and stored and archived on computers, the logic of a computer can be expected to significantly influence traditional cultural logic of media; that is, we may expect that the computer layer will affect the cultural layer.

mecanismos inerentes ao próprio meio, que restringem a capacidade dos usuários de interagirem sobre a informação, logo sobre sua cultura em parâmetro geral.

Dessa forma, os boatos propagados através dos correios tendem a se manter voltados para realidade original, a qual já se apresenta, além do fato de que quem respaldará a informação do boato não será o usuário-emissor em questão, mas os elementos e personagens envolvidos na narrativa (testemunhas, vítimas, etc.). O emissor está imbuído, a princípio, apenas do “prestígio” da retransmissão (detentor do scopp).

Nem mesmo o boato, portanto, diante de suas informações sem autoria definida, deixa de perpassar pelos mecanismos de controle impostos pelos contornos técnicos previamente oferecidos para os usuários da rede. Essas restrições interferem diretamente na dinâmica de atualização e propagação de seus conteúdos, mesmo que de forma inconsciente, assim como nos outros diversos gêneros narrativos disseminados na rede.

Tais mecanismos, porém, não podem ser comparados com mecanismos de filtragem inerentes aos meios de comunicação de massa. Nesses últimos, a informação passa por um processo de pré-aprovação e não simplesmente pela necessidade de se moldar aos limites técnicos da mídia em questão. Além disso, as interfaces das novas mídias, apesar de poderem agregar objetivos de controle da informação à medida que limites de comunicação podem ser impostos, não se processam com a mesma intensidade com que os mecanismos institucionais de controle utilizam os meios de comunicação de massa.

O boato, portanto, quando transferido para o ambiente dos correios eletrônicos, especificamente falando, encontra-se de certa forma susceptível às convenções técnicas que interferem na sua constituição enquanto modelo de informação digital, mas a escolha da utilização dos caminhos de comunicação mais estáticos no que diz respeito à interação com a informação fica, em última instância, a critério do usuário.

A diferença entre boatos disponíveis em websites e boatos propagados através de correios eletrônicos não anula a capacidade de convergência de informações entre eles. Uma informação de um website, por exemplo, pode ser encaminhada para outro usuário através do seu correio eletrônico. O usuário pode, uma vez persuadido pela mensagem, “apropriar-se” dessa informação e retransmiti-la através de seu correio eletrônico, configurando-se num novo dispositivo de propagação dentro da rede.

O site “Assustador”, por exemplo, traz uma série de imagens com anomalias genéticas, assassinatos, desastres e doenças que, pela força de suas imagens, tornam-se bastante acessadas dentro da rede. Apesar do website não se referir a essas informações como boatos, muitas dessas imagens se tornam alvo de propagação pelos usuários, objetivando levar uma informação persuasiva e de primeira mão para outros. No referido website, através do link “indique a um amigo”, as imagens acessadas podem ser rapidamente redirecionadas ao e-mail pessoal de outros usuários da rede, a critério do usuário-propagador.

O boato referente ao “Garoto Cleto” é um exemplo esclarecedor dessa convergência. Segundo essa mensagem altamente propagada nos correios eletrônicos, uma criança chamada Cleto receberia R\$0,10 toda vez que a

mensagem em questão fosse redirecionada para outros usuários. A mensagem trazia em anexo uma foto do garoto apresentando diversas anomalias no corpo e solicitava que a mensagem fosse enviada para outras pessoas, com o intuito de ajudar a criança a pagar seu tratamento. Essa mesma imagem do garoto pode também ser acessada no website “Assustador”, num link intitulado “Anomalias”.

Além desse tipo de site, como o “Assustador”, existem aqueles que se intitulam especializados no armazenamento de boatos, tornando-os públicos na rede⁵¹. O site “Projeto Ockham”, por exemplo, traz um link chamado “Boatos”, conceituando-os como “notícias errôneas e mitos que circulam entre nós”. Esse site, portanto, seguindo o conceito do senso comum (como já foi visto), considera como boato apenas informações que são consideradas falsas e enganosas. As informações desse link são selecionadas tendo como critério o fato de estarem sendo altamente propagadas na rede e de terem despertado a atenção dos usuários. Dessa forma, apesar de só considerar como boatos informações falsas, o site obedece a um critério de divulgação que se enquadra no conceito real do objeto-boato.

Além disso, diferentemente dos outros sites que se dedicam a esse fim, o site “Projeto Ockham” mantém fóruns de discussão sobre esses boatos disponibilizados, formando uma rede de comentários e interpretações simultâneas em uma escala de atualização só possível através da rede (daí a atenção especial dada a esse site na presente pesquisa). Como usuários previamente cadastrados, através de um login e de uma senha, os internautas podem fazer seus comentários e emitir opiniões sobre as informações persuasivas disponibilizadas pelo site.

⁵¹ Sites como o InfoGuerra (www.infoguerra.com.br), que possui um link intitulado “Boatos”; www.icqvista.com.br/boatos.htm; www.snope.com; www.quatrocantos.com/lendas;

No fórum, a despeito do conceito de boato que o site adota, muitas pessoas demonstram acreditar nas informações. Nesse sentido, apesar do site intitular suas informações como notícias errôneas, elas são amplamente discutidas, independentemente do seu caráter de veracidade. O usuário pode saber quem disponibilizou o boato no site, mas, como nos outros meios de propagação, desconhece os caminhos que aquela informação percorreu até chegar ao formato e conteúdo que lhe foram apresentados.

Neste caso, porém, os boatos são discutidos a partir de um ambiente de circulação restrito a usuários cadastrados, não estando, por isso, disponíveis a todo e qualquer usuário que navegue na rede (a não ser que ele deseje fazer parte do fórum e se identifique para esse fim). Além disso, ele modifica o ambiente de propagação das informações, de maneira que os locais de discussão a respeito de cada assunto são delimitados pela arquitetura do website.

Segundo Mark Stephen Meadows (2003), o papel do arquiteto da informação – especialmente quando apresenta múltiplas opções para um visitante – se torna quase idêntico ao papel do autor da narrativa interativa, porque opções que permitam interatividade e a construção de um processo de tomada de decisão precisam ser apresentadas. Dessa forma, o papel dessa arquitetura é subdividir o espaço apropriadamente. Mas isso não significa que as informações não possam atender aos elementos ambíguos e persuasivos que as caracterizam como boatos, tendo em vista que a construção é apenas uma estrutura para a maioria das coisas que acontecem nela. As pessoas que estão nela são quem fazem o espaço ou lugar interessante (Meadows, 2003).

No caso, por exemplo, da discussão a respeito de um ingrediente cancerígeno (o lauril sulfato de sódio) encontrado em algumas marcas de xampu, um usuário que usava o nick “Gabriel.dcf”, discutindo sobre os agrotóxicos encontrados nesses produtos, dizia que “uma nutricionista que conheço falou que eram ruins...”. Esse espaço de discussão traz as opiniões dos usuários sobre tais informações altamente disseminadas na rede, tornando-se um espaço para que novas interpretações venham a ser formadas a partir das novas considerações trazidas. Nesses fóruns, portanto, o boato virtual se torna um objeto altamente atualizado, através da participação de diversos membros que podem a vir a propagá-lo fora do fórum, imbuído de novos argumentos.

Além disso, o sentido de anonimato pode ser mantido, assim como nos boatos fora da Rede. Apesar de os usuários do fórum serem cadastrados, as informações que estão contidas nos boatos discutidos não têm fonte revelada (assim como todos os boatos). Dessa forma, mesmo se conhecendo alguns de seus propagadores, o conteúdo do boato não tem autoria definida e exata. O que é encontrado, assim como é possível de se encontrar nos boatos fora da Rede, são possíveis meios e fontes que legitimam a verdade da informação do boato propagado, a fim de persuadir os seus possíveis receptores.

Nesse sentido, confirmando as idéias de Kapferer já discutidas no capítulo inicial, o boato traz sempre um “legitimador” das suas informações como um dos elementos persuasivos. Essa constante utilização de pessoas e, em outros casos, de instituições que respaldem os conteúdos transmitidos, funciona, como já foi discutido, como um caráter persuasivo dos boatos. Uma vez que a testemunha do fato não é o emissor do boato (apesar de que a pessoa que envia também influencia no crédito que é depositado na informação), o boato se torna um objeto

anônimo. Contudo, as pessoas que são utilizadas para respaldar o discurso proferido no boato (ainda sejam testemunhas falsas), como por exemplo, boatos que são assinados por pessoas que supostamente viveram ou presenciaram o fato relatado, são os elementos persuasivos mais fortes do boato.

Independente desse tipo de testemunho (inerente à mensagem do boato), no site do Projeto Ockham os boatos são disponibilizados por pessoas identificadas, sendo seus currículos e e-mail igualmente identificados. Nesse caso, os boatos são disponibilizados por pessoas que são tidas como “especialistas” que discutem os conteúdos dos boatos, julgando-os como informações verdadeiras ou falsas. Dessa forma, os boatos discutidos nesse tipo de fórum não são só respaldados por possíveis testemunhas ou vítimas dos fatos relatados no boato, mas também por pessoas ditas especializadas, que previamente os classificam como boatos e os disponibilizam para a discussão pública.

Um dos mantenedores do fórum do Projeto Ockham se chama Ana Luiza Barbosa de Oliveira, formada em engenharia química pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e perita da Polícia Federal. Ela disponibiliza boatos que tratam de alimentos tóxicos, degradação do ambiente causada por elementos poluentes, sendo voltados para a questão da utilização negativa de elementos químicos. Muitos desses “especialistas” trazem as informações desses boatos e as explicações sobre suas informações, na maioria das vezes negando-os. Contudo, nos fóruns, muitas polêmicas são levantadas em torno dessas informações, tendo em vistas que muitos dos usuários cadastrados, persuadidos pelas informações trazidas, muitas vezes apresentam situações que se contrapõem aos argumentos relatados pela equipe do site.

Um desses boatos disponibilizados, por exemplo, tratava da suposta economia de energia ao se usar a corrente de energia de 220 volts. Tanto o boato quanto a explicação de que ele é falso foram disponibilizados, segundo o site, por Alexandre Taschetto de Castro, formado em engenharia química, com mestrado em química, ambos títulos pelo Instituto Militar de Engenharia (IME) e atualmente trabalhando no Centro Tecnológico do Exército. Muitos usuários, porém, traziam argumentações e contraposições que justificavam a circulação do boato e respaldavam seu conteúdo como verdadeiro. Um desses usuários, sob o nick de “engenheiro”, trouxe ao fórum uma série de fórmulas matemáticas que, segundo ele, confirmavam a economia de energia.

Outro exemplo de website que se destina a discutir boatos é o Snope.Com⁵², que se dedica a aferir as informações propagadas através do que ele chama de “lendas urbanas”. O site, ao contrário do Projeto Ochman, não traz a participação do usuário na discussão sobre os conteúdos dos boatos disponibilizados. O website Snope busca rastrear a origem dos boatos, dividindo-os em três categorias: informações verdadeiras, informações falsas e origem indeterminada. Nesse sentido, o site considera boato toda informação que se processe em cadeia anônima, independente de sua informação ser verídica ou não. Um dos boatos identificado como verdadeiro dizia que:

Michael Novenche e seus familiares necessitam de orações. Eu não tenho uma ampla lista para envio, mas que algum de vocês tenha. Cada um com sua lista de e-mail conhecidos pode ajudar a respeito do que eu estou lhes escrevendo agora. Nós precisamos de um milagre. Michael Novenche é um pequeno garoto de 02 anos que mora em Clifton Park, Nova York, e é neto de um grande amigo meu. Há poucos meses atrás médicos descobriram um tumor em seu cérebro. Ele foi levado para um hospital em Boston onde os médicos disseram que o tumor era muito grande e que era muito perigoso operá-lo. Dr.

⁵² Disponível em <<http://www.snope.com>>.

Epstein o operou, mas não poderia remover o tumor por inteiro, e por isso ele precisa passar por um processo de quimioterapia.

Nós precisamos da fé de todos para que a quimioterapia destrua o tumor inteiramente. Ele começou a quimioterapia no dia 28 de março de 2002. Por favor, não quebre essa corrente. Pedimos que todos rezem pela vida deste pobre garoto.⁵³

O site revela as supostas fontes através das quais são averiguadas as informações, confirmando-as ou não como verdadeiras. No caso do boato mencionado acima, o site afirma que as condições de saúde de Michael Novenche e a dificuldade da família tinham sido relatadas numa notícia publicada no *The Local Albany Weekly*, e que a partir dessa publicação, a informação se espalhou.

O website Snope disponibiliza também um link chamado “*hoax*” para designar as informações que são falsas, mas que circulam como se fossem verdadeiras. Como já salientado anteriormente, embora normalmente esse termo seja comumente utilizado para designar falsas informações, na presente pesquisa não se faz necessária essa distinção terminológica, tendo em vista que se trata do mesmo fenômeno (e do mesmo processo de propagação, independente de sua veracidade).

Um desses boatos do link em questão dizia que:

As mensagens pensam que esta informação é uma pegadinha por que dia 02 de abril é o dia do palhaço. No dia 02 de abril o Governo vai estar rastreando todos os e-mails das caixas dos empregados públicos para ver quanto do “tempo de Tio Sam” é gasto com e-mails e não com trabalho. Dessa forma, se você for um empregado do governo, neste dia se restrinja a e-mail relacionados ao trabalho. Se você tem um amigo, familiar, etc... não envie e-mails para ele neste dia.⁵⁴

⁵³ Disponível em <<http://www.snopes.com/inboxer/inboxer.asp>>. Acesso em: 26 de dezembro de 2004.

⁵⁴ Disponível em <<http://www.snopes.com/inboxer/inboxer.asp>>. Acesso em 26/12/2004.

O site afirma que uma nota do Governo Americano desmentiu essas afirmações, ainda que não resolvesse totalmente o problema de sua propagação (uma vez que esta já tinha tomado grandes proporções).

Muitos boatos podem ser encontrados também em blogs. Os usuários podem disponibilizar em seus sites pessoais informações que lhes sejam importantes e, dessa forma, disponibilizarem boatos. A respeito dos blogs, Paulo Sibilía (2003) relata que:

(...) pessoas desconhecidas costumam acompanhar com fruição o relato minucioso de uma vida qualquer, com todas as suas peripécias registradas pelo próprio protagonista enquanto elas vão ocorrendo, dia após dia, de hora em hora, minuto a minuto, com o imediatismo do tempo real, por meio de torrentes de palavras que de maneira instantânea podem aparecer nas telas de todos os cantos do planeta (...) (Sibilía, 2003:145).

Um boato que trazia um vídeo de uma garota que mantinha relações sexuais com seu namorado foi altamente propagado através de sites pessoais. Os usuários mantinham esse vídeo em seus domínios (por ser um arquivo com muitos bites, o que dificultava o envio via correio) a fim de que seus conhecidos pudessem acessá-lo. Segundo os propagadores, a garota teria sido vítima de seu namorado uma vez que a filmagem não teria sido autorizada por ela (o que carregou o vídeo de um fator ambíguo, já que uma relação sexual por si só não despertaria o interesse de tantas pessoas). Dessa forma, “(...) a Internet permite que qualquer pessoa possa publicar o que quiser, concedendo aos diários íntimos contemporâneos uma projeção que seus ancestrais pré-digitais jamais teriam podido conseguir (...)” (Sibilía, 2003:145).

Todas essas tendências de exposição da intimidade que proliferam hoje em dia, portanto, vão ao encontro e prometem satisfazer uma vontade geral do público: a avidez de bisbilhotar e “consumir” vidas alheias (Sibilia, 2003:147). Uma vez que a grande maioria das pessoas que acessam esses domínios são pessoas conhecidas do seu mantenedor, as informações acabam se propagando a partir da crença em suas afirmações.

Além disso, é possível de se encontrar assuntos que sejam relevantes somente para aqueles que são usuários da rede, e por isso os boatos em torno deles só se processam nesse ambiente, notadamente em correios eletrônicos. Um dos boatos mais freqüentes na Rede é a o alerta da presença de vírus de computador. Esse tipo de “perigo virtual”, portanto, torna-se relevante no presente estudo, devido ao grande número de boatos encontrados sobre o assunto. Na pesquisa “Boatos na web: uma investigação com desdobramentos empíricos”, observou-se que cerca de 25% do total coletado em correios eletrônicos tratavam desse tipo de perigo.

Um desses boatos dizia que:

Acaba de surgir na rede um novo vírus. Descoberto pela McAfee, o W32/Pimaf@MM tem origem russa e foi escrito em Visual C++. O invasor se passa por um arquivo de imagem para enganar os internautas. Quando executado na máquina da vítima, o Primaf verifica a existência de um arquivo texto nomeado de forma grosseira, dentro da pasta C:\Windows. Se o arquivo não existir, a seguinte caixa de mensagem é mostrada:

Então, alerta a McAfee, a praga extrai endereços de e-mail de dentro da pasta "Sent Items" do Outlook Express, que são armazenados na máquina como SentItems.DBX. Se a replicação do vírus é realizada com sucesso, os códigos virais do próprio invasor indicam para que a mensagem seja enviada da seguinte maneira:

Arquivo anexado: MyNewPics.PIF Corpo da mensagem: Hi I finally got new pics of myself scanned in and put them in this Picture Image File (PIF) Tell me what you think (...).⁵⁵

⁵⁵ D. RIBEIRO. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <reny1807@hotmail.com> em 16/04/2002.

A riqueza de informações fornecidas, aliada ao medo de contaminação de vírus que assola os usuários da rede, torna freqüente a propagação de tais mensagens. Além disso, a riqueza de seus detalhes busca creditar nos seus receptores a confiança na veracidade nas informações propagadas, tendo em vista que a grande maioria dos usuários é leiga no que diz respeito a processos de contaminação de hardwares (o que intensifica a ambigüidade a respeito dos fatos relatados).

Todavia, independente se tratar de boatos restritos à rede, o boato virtual é uma narrativa altamente propagada e, igualmente à dinâmica dos jogos descrita por Manovich (2001), este só se torna uma narração quando uma motivação provoca uma ação, ou seja, o autor-usuário realiza uma ação com o objeto. No caso dos jogos (aspecto que Manovich se debruça), essa ação é movida pelo desejo de se desvendar caminhos desconhecidos dentro do ambiente de interação previamente construído pelo seu desenhador. Para os boatos, a ação é movida pelo desejo de levar para outros usuários informações que possivelmente lhes são desconhecidas e que o propagador-usuário considera possuir relevante importância.

Todas estas peculiaridades até então descritas em relação aos boatos virtuais em rede telemáticas revelaram semelhanças e mudanças em relação aos boatos propagados em outros ambientes, tendo em vista que, como salienta Palacios (2003), a constituição de novos formatos midiáticos não necessariamente se processa através da substituição de formatos anteriores. O que se desenvolve, na maioria das vezes, é um estado de complementação entre velhos e novos suportes. Nesse sentido, Palacios analisa ainda que, em relação ao jornalismo na web, surgem majoritariamente “Potencializações” e “Continuidades” em relação ao jornalismo tradicional, do que “Rupturas” com relação ao jornalismo praticado

por suportes anteriores, o que pôde ser observado também, na presente pesquisa, em relação à dinâmica de propagação de boatos virtuais em rede telemáticas.

Como já foi salientado, independente do meio em que se propaga, o boato tende a ser uma informação anônima, não-oficial, persuasiva e altamente propagada. Dessa forma, mantendo um caráter de continuidade, nenhuma característica, apesar da mudança de ambiente e da agregação de novas formas de propagação, é acrescida ao conceito do boato virtual de forma que o torne um fenômeno diferenciado do boato que se propagada fora da rede.

O que se observa, porém, é que a velocidade de difusão dos boatos, ao menos em tese, se potencializa na medida em que a rede possibilita que um conteúdo esteja em todos os lugares em que haja acesso à mesma, como discutido no capítulo II. Além disso, no que diz respeito aos boatos transmitidos através de correios eletrônicos, é possível que um mesmo usuário, utilizando poucos comandos, possa retransmitir uma informação para um elevado número de pessoas, simultaneamente, potencializando ainda mais essa velocidade de transmissão.

Todavia, algumas Rupturas também foram identificadas. Palacios (2003) salienta que “(...) na Web dissolvem-se (pelos menos para efeitos práticos) os limites de espaço e/ou tempo que o jornalista tem a seu dispor para a disponibilização do material noticioso” (Palácios, 2003:07). No que diz respeito aos boatos virtuais, existe também uma quebra desses limites. Na rede, a capacidade de interação entre informações, possibilitada pela memória digital, permite um maior acesso a conteúdos e principalmente a recuperação e reutilização de informações já

difundidas (notadamente no caso dos boatos propagados através de correios eletrônicos).

Contudo, ao contrário do que geralmente se hipotetiza, nem sempre a rede possibilita uma potencialização da capacidade de atualização de seus dados. Como foi observado no estudo dos boatos disseminados através de correios eletrônicos, esta estrutura não potencializa, em efeitos práticos, a capacidade de atualização das informações dos boatos, tendo em vista que suas interfaces otimizam a velocidade de retransmissão, o que na prática acaba não incentivando a manipulação de seus dados.

Conclusão

Um dos aspectos importantes desta pesquisa, no que diz respeito ao conceito dos boatos, é o fato deste último não depender da condição de veracidade de suas informações para ser conceituado como tal. Ainda que muitos estudiosos desenvolvam argumentações em torno de falsas informações que se tornam boatos (chamando-as de *hoaxes*), e a grande maioria negligencie o boato também como disseminador de informações verdadeiras, esta diversidade de conceituações aponta para um mesmo fenômeno: *uma informação anônima, não-oficial (logo, não intermediada), persuasiva e altamente propagada.*

Ficou evidenciado que o uso de múltiplos conceitos para o fenômeno ocorre não somente entre os estudiosos do fenômeno, mas também no universo de conceitos formulados pelo senso comum. Uma vez que, como foi salientado, o boato é geralmente visto como aquilo que não tem fundamentação em fatos verídicos, objetivando a manipulação através de falsos conteúdos, o público faz uma distinção deturpada entre informação e “boato”. As pessoas acabam propagando informações que elas consideram verdadeiras, e, dessa forma, constituindo, de forma inconsciente, a rede de boatos propriamente dita, de acordo com o conceito aqui proposto.

No que diz respeito aos boatos na Rede, essas características conceituais se mantêm. Nesse sentido, o boato é boato independentemente do meio em que se processa, confirmando a primeira hipótese desse estudo:

HP1.: Os boatos, independentemente do meio em que se propagam, possuem características conceituais que os definem como tal, e dessa maneira os diferenciam de outros tipos de informações também altamente propagadas.

Dessa forma, o boato na rede também se configura como uma informação: anônima, não-oficial (logo, não intermediada), persuasiva e altamente propagada. O boato é boato independente do meio em que se propaga, e a multiplicidade de conceitos só dificulta a construção de uma metodologia de estudo.

Contudo, quando se trata especificamente de boatos virtuais em redes telemáticas, algumas de suas características se potencializam. Tendo em vista que na Rede torna-se quase impossível retrair os caminhos que foram percorridos pela informação, o boato virtual se torna uma informação que se propaga com baixas possibilidades de verificação de suas fontes iniciais, potencializando o seu caráter anônimo, o que ficou evidenciado no capítulo III (sub-título 1.3 Ausência de intermediários na comunicação).

Kapferer (1993), na introdução do seu livro “Boatos: o mais antigo mídia do mundo”, relata um boato sobre uma suposta ligação da Procter e Gamble com rituais satânicos. Segundo a informação anônima existiam “signos satânicos” na logomarca da empresa, mas informações oficiais da empresa logo trataram de lançar um desmentido, o que não deixou de causar problemas à empresa, como a inesperada demanda de ligações de clientes apavorados.

Na cultura das redes, em que o anônimo é um usuário legítimo que não causa a mesma estranheza e desconfiança de antes, este tipo de boato poderia ter repercussões ainda maiores. Na rede, a “cultura do anonimato” faz com que essas

noções de credibilidade sejam ainda mais difíceis de serem levadas em consideração pelos indivíduos quando estes estão diante de uma informação altamente persuasiva (ainda que as versões oficiais coexistam).

A *generalização do anonimato da rede* é, portanto, o grande modificador desse fenômeno tão temido chamado boato (visto no subtítulo 1.1 O anonimato online - Capítulo III), e na rede este ganha uma pré-condição à sua defendida condição de verdade. Se todos podem proferir discursos sem a devida identificação, o boato deixa de ser uma informação transmitida por alguém que não quer ser revelado (e por isso muitas vezes despertava uma desconfiança do leitor) e passa a ser visto como uma informação em relação à qual, culturalmente, não se faz necessária identificação (ampliando assim a sua capacidade de livre circulação).

O boato encontrou também na rede, diante dessa característica de liberdade de sentidos, um campo fértil para a expressão de discursos não-oficiais e de contra-argumentos, através da *ausência de intermediários na comunicação* (analisada no Capítulo III). Antes da Internet o boato tinha suas possibilidades de persuasão limitadas pela coexistência de “autores institucionalizados”, logo não-anônimos, que imperavam no universo de propagação de idéias. Fora da rede há uma clara divisão entre o discurso dominante (oficial ou legitimamente instituído) e o discurso marginal (falso e anônimo).

As pessoas parecem estar se acostumando com a condição de serem “julgadas” das informações que lhes são disponibilizadas. Isso não quer dizer (saliento mais uma vez), que não existam mecanismos e instituições historicamente designadas para isso (incluindo a rápida demarcação de mercado conquistada pelo jornalismo digital), mas o que se percebe é que as pessoas, em geral, têm gastado muito

menos tempo tentando verificar as informações na rede, preferindo confiar em seu julgamento subjetivo.

Essa mudança no processo de comunicação traz mudanças muito intensas na sociabilidade da rede, em que a noção de “formadores de opinião” está cada vez mais distante daqueles que se intitulavam detentores da informação relevante, tendo em vista que todos podem agora, na rede, se posicionar como detentores de uma informação de primeira mão.

Outro aspecto observado neste estudo é *a mudança na dinâmica de “atualização”* (analisado subtítulo 1.2. Potencialização da Capacidade de Atualização - Capítulo III) dos boatos quando estes estão inseridos na rede. Tendo em vista que na dinâmica dos boatos não se sabe quais os caminhos que foram percorridos pela informação, incluindo suas interpretações e comentários, o boato virtual se torna ainda menos controlado e mensurável. O usuário se vê colocado numa situação de perda de contexto, além de permitir que suas interpretações sejam inseridas, otimizando a manipulação dos conteúdos.

Muitos boatos que circulam na Rede são acompanhados de imagens que servem como argumentos e confirmações do que está sendo proferido por eles. Além disso, como foi salientado no terceiro capítulo, alguns boatos possuem somente imagens, sem que sua base argumentativa esteja calcada em algum tipo de mensagem escrita.

É importante a constatação de que essa convergência midiática (som, imagem, texto, na mesma informação) dos boatos também atende à manutenção e o reforço de uma construção persuasiva e procura manter a capacidade de manipulação de suas informações, como ocorre no ambiente físico. A diferença é que na rede

esses boatos se tornam manipulados mais facilmente devido ao caráter “fluido” e descentralizado desse novo ambiente, bem como pela facilidade de produção e transformação da informação em formato digital (Manovich, 2001).

Outro aspecto importante, como já constatado, é a *heterogeneidade da rede* (subtítulo 2 do Capítulo III), com a *convivência de diversas modalidades comunicativas*, diferenciadas, dentro de um mesmo ambiente, o que fez possível traçar diferentes relações no que diz respeito à dinâmica de propagação dos boatos. Por exemplo, a facilidade propiciada pelo correio eletrônico na realização de ações em seus menus torna a atividade de retransmissão de conteúdos uma ação facilitada pela ativação de poucos comandos. Essa nova perspectiva de interação dos conteúdos pode não trazer mudanças cruciais para a construção de novas versões, mas modifica a forma com que os usuários interagem com a informação midiática. Facilitando a interação do usuário com a informação, esses mecanismos técnicos induzem, como já foi explicado, uma redução da manipulação desses conteúdos.

Esse fato muitas vezes é desconsiderado pelos estudiosos do ciberespaço, que frequentemente, munidos de um excesso de otimismo diante da liberdade de interação da rede, desconsideram que esse mesmo ambiente que propicia múltiplas convergências, interações, manipulações, etc. impõe também limitações em função de suas interfaces.

Através da análise da propagação de um objeto altamente mutável como o boato, a funcionalidade restritiva dos correios eletrônicos se torna mais evidente mediante a manutenção de uma versão original, em detrimento das capacidades potenciais de interpretação dos usuários. Dessa forma, um objeto que fomenta

uma capacidade interpretativa (devido à sua elevada propagação de pessoa para pessoa), demonstra a contradição, ou pelo menos a tensão, entre as possibilidades abertas e a prática efetiva dentro da rede.

Contudo, diferenças entre boatos disponíveis em websites e boatos propagados através de correios eletrônicos não impossibilitam a convergência entre eles. Como foi visto, um usuário pode se “apropriar” de uma informação disponibilizada num website e retransmiti-la através de seu correio eletrônico, fazendo com que os boatos co-existam não somente entre meios virtuais e físicos, mas dentro das diversas estruturas comunicativas presentes dentro da rede.

Nesse sentido, todos esse aspectos da rede que influenciam na dinâmica de propagação dos boatos quando inseridos na Rede, e principalmente as diferenças (especificidades) dentro desse meio virtual, confirmam a segunda hipótese da presente pesquisa:

HP2.: O que difere o boato virtual dos demais são as mudanças na sua forma de propagação, aderindo às especificidades de cada uma das estruturas comunicativas presentes na Rede.

Os boatos virtuais em redes telemáticas são, portanto, mais um tipo de conteúdo disponível na rede, moldado em função das especificidades desse novo ambiente comunicacional. Contudo, os seus objetivos de propagação se mantiveram os mesmos que possibilitam a formação de boatos fora da rede, como já foi salientado, tendo sempre como intuito o desejo de persuadir pessoas com suas informações.

Isso se dá na medida em que a aglutinação de variados formatos midiáticos dentro do mesmo ambiente proporcionou ao boato maiores possibilidades de construção

de sentidos, potencializando-o. Além disso, no que diz respeito à constituição de um espaço físico (digitalmente) ilimitado, a rede promoveu uma ruptura em relação aos suportes anteriores. Essa ruptura proporcionou a possibilidade de uma interação mais intensa entre os diversos conteúdos disponíveis digitalmente, tornando o boato virtual ainda mais passível de interferência direta dos usuários, apesar das limitações impostas pelas interfaces dos correios eletrônicos.

Além disso, constatou-se na presente pesquisa que, apesar das especificidades potenciais dos boatos virtuais em redes telemáticas, nada impede que estes co-existam com os boatos fora da rede. Muitos boatos circulados no ambiente virtual podem, por exemplo, circular em ambientes não-virtuais. No caso dos boatos propagados em websites, por exemplo, muitas pessoas podem tomar conhecimento de sua disponibilidade na rede através da comunicação boca a boca (como já foi discutido no subtítulo 2. Boato x Heterogeneidade Virtual - Capítulo III), o que confirma a terceira hipótese do estudo:

HP3.: A Propagação dos boatos virtuais pode se dar em regime de co-existência com a sua propagação fora dos limites ciberespaciais.

Nesse sentido, o caráter não-oficial dos boatos faz com estes possam não só ser livremente propagados num determinado meio, como também em outros meios, simultaneamente.

Finalmente, podemos concluir que os boatos virtuais em redes telemáticas apresentam aproximações e distanciamentos em relação aos boatos propagados fora da rede, mas somente no que diz respeito às suas capacidades propagadoras. Constatou-se que o boato *é um tipo específico de discurso* que pode ser reconhecido em qualquer ambiente de propagação.

Referências

BAIRON, Sérgio. *Multimídia*. São Paulo: Global, 1995.

BENTIVEGNA, Sara. Politics and New Media. In: LIEVROUW, Leah A., LIVINGSTONE, Sonia. *Handbook of New Media: social shaping and consequences of ICT*. London: Sage Publications, 2002.

BOLTER, Jay David. *Writing in Space*. The computer, hypertext, and the history of writing. New Jersey: Lawrence Earlbaum, 1991.

BROWN, E.; CHIGNELL, M.H. El usuário como diseñador: el multimedia de forma abierta. In: BARRET, Edgard, REDMOND, Marie (eds). *Medios Contextuales en la Práctica Cultural; la construcción social del conocimiento*. Barcelona: Ediciones Piados Ibérica S.A, 1997.

BUCHSTEIN, H. *Bytes that bite: the internet and deliberative democracy*. *Constellations*, 4(2), 1997.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede; a era da informação: economia, sociedade e cultura*. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA, Rogério da. *A cultura digital*. São Paulo: Publifolha, 2002.

DÍAZ NOCI, Javier. *La escritura digital*. Bilbao. Universidad Del País Basco. 2002.

DIFONZO, Nicholas; BORDIA, Prashant. *Rumors and stable-cause attribution in prediction and behavior*. *Organizational Behavior and Human Decision Processes* 88, 2002, p.785-800.

FONSECA, Hermes. *Viagem ao planeta dos boatos*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GALAM, Serge. *Modelling rumors: the no plane Pentagon French hoax case*. *Physica A* 320, 2003, p.571-580.

GANDELMAN, Henrique. *De Gutenberg a Internet: direitos autorais na era digital*. São Paulo: Record, 4. ed., 2001.

GANDY JR., Oscar H. The real digital divide: Citizens versus Consumers. In: LIEVROUM, Leah A., LIVINGSTONE, Sonia. *Handbook of New Media: social shaping and consequences of ICT*. Sage Publications, London: 2002.

HOSMAN L. A., HUEBNER, T. M., SILTANEN, S. A. The impact of power-of-speech style, argument strength, and need for cognition on impression formation, cognitive responses, and persuasion. *Journal of Language and Social Psychology*, 2002, 21 (4).

HUYSSSEN, Andreas. Mapeando o Pós-moderno. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Pós-modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

KAPFERER, Jean-Noel. *Boatos: o mídia mais antigo do mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1993.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

LAPHAM, Chris. The evolution of the newspaper of the future. *CMC Computer-Mediated Communication Magazine*, July, 1995, p.7 (on line). Disponível em: <<http://www.december.com/cmc/mag/archive/title.html>>.

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (org). *Olhares sobre a cibercultura*. Rio Grande do Sul: Sulina, 2003.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIEVROUW. Leah A. What's changed about new media? Introduction to the fifth anniversary issue of new media & society. *New media & society*. Vol6(1):9-15, 2004.

LIMA, Maria Manuel. Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem. Disponível em: <<http://sweet.ua.pt/~mbaptista/consideracoes%20em%20torno%20do%20conceito%20de%20esterotipo.pdf>>. Acesso em 4/10/2002.

LISTER, Martin. *La imagen fotográfica la cultura digital*. Barcelona: Piados Multimedia 6, 1997.

LUKE, Timothy W. Power and Political Culture. In: LIEVROUM, Leah A., LIVINGSTONE, Sonia. *Handbook of new media: social shaping and consequences of ICT*. Sage Publications, London: 2002.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympo, 1996.

MANOVICH, Lev. *The language of new media*. Cambridge: MIT Press, 2001.

MEADOWS, Mark Stephen. *Pause & Effect: the art of interactive narrative*. Ed. News Riders, 2003.

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PALACIOS, Marcos. Hipertexto, Fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva. Disponível em <www.ufba.br/ciberespesquisa/palacios/hipertexto.html>. Acesso em 12/05/2002.

PALACIOS, Marcos. *Internet as system and environment in cyberspace: preliminary ideas from an ongoing research*. TripleC 1(2): 95-104, 2003.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (org). *Modelos de jornalismo digital*. Bahia: Calandra, 2003.

PALACIOS, Marcos. Fazendo Jornalismo em Redes Híbridas: Notas para discussão da Internet enquanto suporte mediático. Texto produzido para discussão na Lista In Cultural, disponível em: <http://www.fccom.ufba.br/jol/producao.htm>, acesso em 05/07/2003.

- PAPACHARISSI, Z. The virtual sphere. *New Media & Society*, 4(1), 2002.
- PENDLETON, Susan Coppess. Rumor research revisited and expanded. *Language & Communication* 18, 1998, 69-86.
- PRETTY, Richard E.; JOSEPH, R. Priester; BRIÑOL, Pablo. Mass media attitude change: implications of the Elaboration Likelihood Model of Persuasion. In: BRYANT, Jennings; ZILLMANN, Dolf (org). *Media effects: advances in theory and research*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, Second Edition, 2002.
- RIBEIRO, Daniela. Boatos na web: uma investigação com desdobramentos empíricos. Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas, UNIFACS. Salvador, Bahia, 2002.
- RIBEIRO, J. C; JUCÁ, V. J. Hipertextualidade e cultura contemporânea. Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/hipertexto/cultura.html>>. Acesso em: 5/07/2002.
- ROSNOW, Ralph L. Inside rumor: a personal journey. *American Psychological Association*, volume 46(5), may 1991, p.484-496.
- SALAVERRÍA, Ramon. De la pirámide invertida al hipertexto. *Revista de la Asociación de Técnicos de Informática*, vol.142, noviembre-diciembre de 1999, p.12-15.
- SALAVERRÍA, Ramon. Diseñando el lenguaje para el ciberperiodismo. En Chasqui (Revista Latamericana de Comunicación), nº 86, pp. 38-45, Quito (Ecuador), junio, 2004. (on line) Disponível em: <<http://www.comunica.org/chasqui/86/salaverria86.htm>>.

SANTAELLA, Lúcia. Ilha eletrônica. In: *Cultura das Mídias*. São Paulo: Experimento. 2. ed., 1996.

SHIBUTANI, Tamotsu. *Improvised News: a sociological study of rumor*. University of California, 1966.

SIBILIA, Paulo. Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (org). *Olhares sobre a cibercultura*. Rio Grande do Sul: Sulina, 2003.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil*. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

SPARKS, P.I; *et al.* *Communication strategies for the effective promotion of dietary change*. *Nutrition & Food Science*, 1996, 96 (5).

STOCKINGER, Gottfried. Para uma Teoria Sociológica da Comunicação. Salvador: Editoração Eletrônica Facom/UFBA, Versão 2.0, 2001. p.134. (online). Disponível em <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa>>. Acesso em 5/07/2002.

TARDE, Gabriel de. *A opinião Pública e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TORRE, Elvira Garcia de. Estructura comunicativa y organización de contenidos em Internet. Asociación Valenciana de Investigadores em Comunicación y Periodismo Digital, 2002. (on line) Disponível em <<http://members.es.tripod.de/avicpd/3.htm>>.

VATTIMO, Giani. *A sociedade transparente*. Lisboa: Editorial Relógio D'Água, 1992.

VIA, Sarah Chucid da. *Opinião Pública: técnica de formação e problemas de controle*. São Paulo: Loyola, 1983.

WEISSBERG, Jean-Louis. Real e Virtual. In: PARENTE, André (org). *Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual*. RJ: 34, 1993.